

A dramatic, low-key close-up of a black dog's face. The dog's fur is dark and textured, with fine hairs visible. One eye is a striking yellow-green color, looking directly at the viewer. The lighting is moody, with deep shadows and highlights on the fur.

O CÃO NEGRO

A L E C S I L V A



Alec Silva

O Cão Negro

São Paulo
2019



1ª edição

Copyright @ Cartola Editora

Ficha técnica:

S586c

Silva, Alec, 1991 -

O Cão Negro/ Alec Silva - São Paulo: Cartola Editora, 2019.

422kb. ; ePub.

ISBN: 978-65-80275-79-3

1. Ficção Brasileira. 2. Terror I. Título.

CDD: B869.3

CDU: 821.134.3(81)

Revisão:

Janaina Storfe

Diagramação e projeto gráfico:

Rodrigo Barros

Capa:

Rodrigo Barros

Todos os direitos desta edição reservados à Cartola Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização por escrito da editora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[A figura do cão](#)

[O amuleto](#)

[O Cão Negro](#)

[A lenda do lobo urbano](#)

[O cão e o homem](#)

[A sombra do cão](#)

[O menino lobo](#)

[O lunático](#)

[A bruxa e a fera](#)

[O horror alvo](#)

[Financiamento coletivo](#)

A figura do cão

Tudo começou em 2012, com dois contos. O primeiro, *O Cão Negro*, não tinha mais do que uma página e pouco diferia da versão incluída neste livro; e o segundo, *Fúria Canina*, pode ser encontrado ainda por aí, em algum *site*, e a adaptei para estar nesta obra — embora o personagem desta versão seja bem diferente do que imaginei. E após isso, por algum motivo sinistro, cogitei contar a história daquele cachorro fantasmagórico, e anualmente eu fui incluindo alguns detalhes, repensando cenas e reescrevendo outras. Demorei mais do que gostaria, uma vez que o livro inteiro é curto, com os contos distribuídos, e cada história vai formando uma peça do quebra-cabeça, uma novela *fix-up* de horror e tensão.

Para isso, foram pesquisas longas pesquisas, as quais gostaria de resumir alguns pontos mais abaixo.

A figura de um cão (negro) infernal pode ser bem conhecida de quem acompanha a série *Supernatural*, pois em diversos episódios há menções e aparições de “cães do inferno”, criaturas que caçam e buscam as almas dos condenados. Há uma clara alusão ao músico Robert Johnson em um dos episódios, *Crossroads Blues*.

Nas culturas pré-islâmicas, uma lenda conta que o cachorro foi criado por Deus para proteger Adão e Eva dos outros animais, que foram convocados por Satanás para atacá-los. Noutra, o animal foi feito do mesmo barro que Adão — *sag*, cachorro, deriva do termo *she-yak*, o terceiro, um terceiro —, indicando certo senso de humanidade do cão. E um terceiro mito, contudo, traz o cachorro como resultado do pecado.

No Egito, Anúbis, o deus com cabeça de cachorro ou chacal, é o guardião e condutor para o outro mundo. O *Mahabharata* também associa o cão a tal função; e os gregos fizeram do animal o bicho de estimação de Hécate e tinham em Cérebro, de três cabeças, o guardião das portas infernais — na *Divina Comédia*, de Alighieri, Cérbero aparece no círculo destinado aos gulosos, onde devora as almas gulosas por toda eternidade com seu apetite descontrolado.

Ainda na mitologia grega, Sirius era o cão de Órion, o caçador que Ártemis matou com uma flechada.

Arqueólogos descobriram que o homem primitivo usava o cachorro para destruir corpos, o que deve ter estabelecido a conexão com o ato de devorar as almas dos mortos — e fez do animal, portanto, o guardião do pós-morte.

Os pársis, na Índia, e escoceses das ilhas Orkney faziam os cachorros devorarem a carne dos mortos como parte dos ritos funerários. Os romanos usavam-nos para dar fim a mortos sem importância, indignos de um enterro melhor.

O cão de cor negra passou a ter um caráter negativo. O profeta Maomé, por exemplo, decretou matar todos os cães que fossem totalmente negros. Com o desenvolvimento do cristianismo, o animal adquiriu associações com o pecado, a prostituição e o mal — muitas vezes sendo eles o mal literalmente encarnado.

O manuscrito *Annales Franorum Regnum*, de 856, relata uma repentina escuridão que envolveu uma igreja durante uma missa, seguida pelo aparecimento de um grande e misterioso cão negro que soltava faísca pelos olhos; o animal inspecionou o recinto, como se procurasse por alguém ou alguma coisa, até que, de modo súbito, desapareceu.

Na tradição anglo-saxã, por sua vez, o cão negro pode ter uma imensa variedade de nomes — e todos associados às trevas. Sua figura macabra é descrita como tendo olhos vermelhos brilhantes, como a brasa, pelos eriçados, são feras enormes e possuem cheiro de enxofre. Estão presentes em locais isolados, como trilhas e encruzilhadas, sítios pré-históricos e igrejas abandonadas. Fantasmagóricos, podem passar através de objetos sólidos, desaparecendo ou se incendiando. Dentre os relatos, o mais antigo data de 1127, quando dois padres testemunharam caçadores negros montados em cavalos — ou bodes, dependendo da versão —, ambos seguidos por uma matilha negra com horríveis e enormes olhos. Em 1157, houve ataques durante duas missas; em ambos os locais, houve mortes e sinais de arranhões nas portas das igrejas.

Cães negros são criaturas muito frequentes no folclore inglês, sendo conhecidos por Barghest — e, assim como uma *banshee*, aparecem para anunciar a mortes — e descritos como “cães negros, enormes, com grandes olhos vermelhos e incandescentes, que têm a estranha capacidade de desaparecer em um estalar de dedos”.

Além da Inglaterra, outros lugares carregam histórias sobre animais caninos comumente vistos em encruzilhadas — e quase sempre ligados ao inferno. Se não há um lobisomem — um homem que se metamorfoseia, voluntária ou involuntariamente, em lobo ou cão, em noites de lua cheia — na região, haverá um cão negro.

Na Grã-Bretanha, as lendas narram que cães negros apareciam para as pessoas para conduzi-las, agindo como espíritos protetores — bem diferente da visão inglesa, que os tornam aparições que prenunciam ameaças e morte.

Em 4 de agosto de 1577, em Bongay, Inglaterra, durante uma tempestade, um cão negro entrou na igreja e disparou correndo pelo corredor. O animal foi responsável pela morte de dois cidadãos que se encontravam no local e ainda queimou um terceiro.

Portanto, é de se notar que, com algumas exceções, a figura do cão é muito associada ao mal, podendo ser uma das formas do diabo. Na cultura popular, o simbolismo negativa persiste. O cantor e guitarrista de *blues* Robert Johnson tinha seu talento atribuído a um pacto feito com um homem vestido de preto — o demônio — que conheceu em uma encruzilhada, fato que ele conta em um de suas canções mais famosas, *Cross Road Blues*. E é dele outra música sinistra, a mesma que optei usar algumas linhas como epígrafe: “*I got to keep movin’... There’s a hellhound on my trail*”. Literalmente, “tenho que prosseguir... Há um cão do inferno atrás de mim”.

Com o advento da literatura gótica, a figura sombria e punitiva do cão negro se fez presente no conto *Cães Negros*, de Ian McEwan, numa metáfora sobre a tristeza interior e a perda da esperança.

Com tudo isso em mente, e ao longo de quase seis anos, sem pressa, montei minha versão desta figura lendária, presente no imaginário, no folclore e na mitologia. Ainda que algumas pontas não tenham sido devidamente preenchidas, eu gostei do resultado. É uma história de vingança completa, dividida em seis contos, com um espírito violento e inteligente, humanos à mercê de forças que não entendem, um lobisomem e eventos que desafiam a ordem natural das coisas.

Espero que apreciem o horror das próximas páginas.

O Cão Negro os aguarda com paciência.

Alec Silva

“Há um cão do inferno no meu encalço.”

Robert Johnson

O amuleto

Em algum lugar entre Gévaudan e Vivarais, província de Languedoc, sul da França, ano incerto.

Um estranho pesadelo o despertou antes da hora e, sem fazer ruído, levando apenas uma espingarda, o homem saiu do casebre determinado a fazer algo que o condenaria à danação eterna, contudo poderia salvar a vida da filha.

Conhecia bem os caminhos que percorria e, ainda distante do local que pretendia chegar, ouvia a música considerada profana e blasfema pelos demais moradores da região. Não era como à noite, quando as dançarinas dançavam, os músicos tocavam com paixão e todo tipo de depravação acontecia; era um som agradável, mas poderoso, que deixava tudo mais carregado de magia.

Ele nunca foi um homem de ter fé em crenças. Não gostava de frequentar a igreja, ainda que temesse, como toda pessoa sob os preceitos cristãos, as consequências de uma vida leviana. Contudo, conforme adentrava a neblina e seguia por uma trilha, não deixou de sentir uma sensação de que estava sendo vigiado por olhos atentos e bestiais.

Deteve-se algumas vezes, tentando escutar algo além das canções dos ciganos, mas o bosque ainda estava adormecido, envolto na névoa da madrugada. Um vento suave fazia as folhas das copas das árvores farfalharem. Gotículas de orvalho se condensavam nas pontas de galhos e folhas largas e caíam rítmicas e constantes em pequenas poças.

Afastando os pensamentos mais alarmantes, o homem retomou à caminhada.

O pesadelo.

Lembrou-se dele com riqueza de detalhes: a filha, ainda criança, estava amarrada num tronco ardente; pessoas riam e gritavam ao seu redor. Chamavam-na de bruxa. Os inquisidores gargalhavam e banqueteavam enquanto viam a menina ser queimada viva, aos prantos e expressão de desespero.

Precisava impedir que ela tivesse tal destino. A esperança residia na velha cigana daquela caravana, a quem certa vez recorreu para outros favores. Sabia que a mulher conhecia os segredos mais antigos, que a Igreja tentava ferrenhamente ocultar dos olhos de todos, e tinha certeza que ela o ajudaria — e pagaria o preço que fosse por isso.

Um lobo uivou ao longe. Não obteve resposta.

A velha cigana parecia aguardá-lo. Era uma figura magra e de trajes coloridos e espalhafatosos. Do idioma francês, falava poucas palavras, mas um garotinho

mirrado e muito sujo lhe servia de intérprete. Olhando para o menino, o homem não deixou de notar algo estranho — parecia ter os caninos maiores do que o normal, uma pele mais peluda do que o normal, as pontas das orelhas eram alongadas e os olhos lembravam os de um lobo.

A mulher lhe indicou um banco de madeira próximo à fogueira ainda acesa. Falou algumas coisas à criança, que correu para uma das carroças. Sorrindo, ela arriscou algumas frases curtas, não dando a chance de o visitante explicar o motivo da visita. Não precisava falar nada, disse a velha, pois ela havia tido o mesmo sonho e temia pelas pessoas da região, contudo pouco poderia ser feito por elas, pois estavam, a maioria, cegas demais à uma religião e não se abriam aos sinais.

— E minha filha? — perguntou ele, em lágrimas.

Ela respondeu. Mas não em francês, então o homem nunca soube sobre essa parte da breve conversa. Quando ia questionar o menino, este lhe entregou um estranho objeto.

— O que é isso? — perguntou ele, mostrando o amontoado de ingredientes para a cigana.

— Amuleto — respondeu a velha, sorrindo com simpatia. — Dê ao seu cachorro. Ele vai proteger sua filha sempre.

Era uma coisa esquisita: ligeiramente esférica, fedia a sangue envelhecido, quase podre, e tinha uma cor escura. A textura parecia a de uma pena coberta de lama ressecada. O único cachorro que ele tinha no casebre era de idade avançada; ainda que fosse um bom companheiro, não o imaginava conseguindo proteger uma das filhas da fogueira. Nem sabia se o animal engoliria aquilo, na verdade.

— Confia! — pediu a cigana, agarrando o amuleto e o guardando na capanga que o visitante trazia.

— Quanto devo?

— Nada, é um presente.

O homem ficou sério, mas aceitou o presente, agradecendo a gentileza da velha.

Despediu-se e foi embora. Foi a última vez que ele e os ciganos se viram. Meses depois, o valor do amuleto foi cobrado, pois nada tão poderoso é dado de graça a alguém. Ele, a esposa e a outra filha pagariam o preço; a outra menina escaparia da morte na fogueira e ganharia um guardião para a vida toda.

— Ele sabe? — indagou o menino, vendo a silhueta do homem desaparecer na névoa.

A velha suspirou, com ares de piedade.

— Se ele soubesse, não teria aceito — respondeu, por fim. — Ai daqueles que machucarem a moça que o cão passará a proteger!

O Cão Negro

Em algum lugar da Europa, final do século XVIII.

Ele está lá fora. Sim, está desde o início desta maldita noite fria, nublada e com cheiro de morte. Encara-me com aquele olhar branco tão morto. Não se move sequer um milímetro. Parece que espreita a minha alma sofrida e desesperada, tão cheia de arrependimento pelo mal que causei a uma inocente. Já carreguei a pistola que sempre mantive guardada numa gaveta da mesa do escritório, entre os papéis de negócios que não prosperaram tanto aqui na Europa quanto nas Américas. Não, não é para ele, afinal não morrerá com nenhuma arma criada por mãos humanas. A sua figura sombria, que não é nem animal, nem humana, dependendo da hora em que é observada, revela que não se trata de uma criatura natural, mas sim de um demônio, uma besta do Inferno.

Eu tento ler um livro sobre aventuras no Oriente, presente de um amigo que ainda me visita após todos esses anos de desgraça que me abateu, mas a presença do cachorro demoníaco me é constante, apesar de estarmos a cinquenta metros de distância um do outro e termos uma janela de vidro nos separando. Isso me incomoda imensamente. Arrisco-me a olhar para fora e o vejo ainda sentado ou em pé, não sei mais distinguir a forma que assume no momento, olhando a minha alma.

A madrugada se aproxima e o sono não. Na verdade, creio que durmo e tenho este pesadelo. Desde jovem sempre tive medo dele, daquela figura canina e negra, quando ainda era um bicho comum, que podia ser morto por uma de minhas balas. Os doutores e estudiosos mais céticos me diriam que a imagem do demônio que está lá fora é o reflexo de meu medo de cães negros. E o que estou tendo é um pesadelo. Apenas eu sei o quanto é real e pesa sobre minha existência infeliz. Se eu continuar aqui, logo virão atrás de mim e me internarão numa sala, realizando procedimentos semelhantes aos daquela jovem que condenei à morte, tantos anos antes.

Eu pego o revólver e checo as balas, uma mania que fiz diversas vezes esta noite, cada vez mais certo de uma decisão. Já não aguento mais tanta tortura. Se for sonho ou pesadelo, acordarei ao puxar o gatilho e não mais verei a figura animalesca e humanoide lá fora. Se for realidade, dormirei no sono da morte, encontrarei, talvez, a minha esposa e o meu filho, ambos mortos por um assassino que os visitou enquanto eu tentava fechar um acordo comercial na capital, um dos tantos fracassos como empreendedor que acumulei. A morte, enfim, parece-me a solução para todos os meus problemas.

Aponto o cano da arma para minha têmpora esquerda e dou uma última olhada para fora. Percebo que ele ainda me olha, agora ainda mais maligno e demoníaco. Puxo o gatilho. O meu corpo tomba numa poça de sangue, com um grande buraco na cabeça. Estou morto.

Mas a figura sombria do cão negro permanece... e compreendo que meu pesadelo ainda não teve fim.

A lenda do lobo urbano

Local desconhecido, Brasil, 2010.

N aquela manhã, os corpos encontrados chamavam a atenção. Dois homens foram atacados — aparentemente — por algum animal de grande porte, numa rua bem afastada. A análise preliminar, feita por quem chegou primeiro ao local, indicou que houve alguns disparos, mas de nada adiantou para deter o assassino, que os atacou com brutalidade e os matou com golpes cruéis, para depois estripar e mutilar.

A polícia examinou o local antes, durante e após isolá-lo.

Os pedaços espalhados eram de dois ladrões que há um bom tempo davam trabalho. Era uma cena horrível de ser ver: braços, pernas, cabeças, vísceras, roupas rasgadas e ensanguentadas, tudo distribuído pelo perímetro de maneira macabra, atestando a barbaridade do ataque.

Foram encontradas pegadas de um animal de tamanho avantajado. Assemelhava-se com as patas de um cão, embora possuísse um tamanho que mais lembrava as de um felino de grande porte, como uma onça. O mistério se intensificou quando foi percebida a singularidade: eram mais semelhantes a de um homem descalço, com leves traços caninos, do que de um animal quadrúpede.

Alguns veterinários foram chamados, além dos peritos de criminalística, e eles apontaram os mesmos detalhes, destacando algumas características curiosas sobre a fera assassina: o animal pesava entre oitenta e cem quilos, a julgar pela facilidade com que destroçou os dois criminosos; deveria medir de um metro e oitenta a dois metros — ou mais — ou não conseguiria uma proeza como aquela, afinal um dos assassinados era muito robusto, representando certo obstáculo a ser vencido, ainda mais armado. Ainda na cena do crime, foi possível identificar traços da presença de outro animal, identificado como um grande lobo, de pelagem escurecida, tomando base os tufo achados presos em alguns galhos baixos, o que ficou evidente ao acharem outra trilha de pegadas, mais discreta.

Os veterinários e peritos discordaram de um ponto: ou o assassino era um lobo ou algum canídeo de grande porte, inexistente naquela região, provavelmente fugitivo de algum circo ou cativeiro, faminto a ponto de atacar aqueles bandidos com grande fúria e agressividade; ou eram dois, sendo um macho muito agressivo e o outro uma fêmea mais tranquila, talvez exausta demais para um ataque, portanto um matou e o outro aguardou a refeição.

Durante alguns dias, as investigações foram sobre os possíveis lugares que poderiam abrigar o animal canídeo. A população, neste período, mostrou-se assustada e supersticiosa, evitando a qualquer custo andar pelas ruas depois das dez horas da noite; todos evitavam os arredores da mata, fazendas e cemitérios; quem morava na zona rural vivia sempre alarmado e cercava-se de armas, cães bravos e cuidados contra o sobrenatural. O prefeito tentava tranquilizar a cidade, prometendo melhorias na segurança pública, afinal em ano de eleição aquele perigo desconhecido poderia custar votos para um segundo mandato. E ele realmente cumpriu o que prometeu, aumentando o número de policiais e de guardas civis.

O tempo foi passando e já se corria um mês e meio desde o ataque do Lobo Urbano, como ficou conhecido o animal misterioso. Pouco a pouco, o medo geral foi se extinguindo e a vida começou a seguir seu curso normalmente. Ora ou outra, como costuma ocorrer em casos tão sinistros, alguém se recordava do fato e ria, achando graça daquela superstição boba e inadequada para uma cidade tão grande como aquela.

Talvez pelo marasmo da crença naquilo que outrora se temia ou por outro fator desconhecido, um segundo ataque, agora mais cruel e sanguinário, ocorreu.

A cidade entrou em choque quando corpos foram encontrados no cemitério, totalmente esfolados numa poça imensa de sangue enegrecido. Em volta, num círculo perfeito, treze velas vermelhas ardiam inalteráveis, produzindo uma chama quase negra. Alguns túmulos foram abertos e os cadáveres, muitos enterrados recentemente, tinham partes do corpo em decomposição para fora, em posições que denunciavam que se ergueram sozinhos de onde estavam, aos olhos dos mais sensíveis a crenças pagãs. Desta vez não havia sinal de um animal canídeo ou lupino, como anteriormente, embora fossem encontradas pegadas similares com as do ataque passado.

Não demorou para encontrarem as peles dos sete infelizes mortos: estavam esticadas sobre um grande túmulo, onde jazia o corpo de um homem chamado Astolfo Alexandrino Cardoso dos Santos e Costa, todas em estado perfeito, sem resquícios de sangue, como se tivessem sido tratadas e curtidas antes de serem postas ali.

O horror acertou em cheio alguns policiais, que mal conseguiram suportar a visão dos corpos esfolados no meio de uma poça de dez centímetros de altura coberta de sangue: eles não aguentaram e vomitaram tudo o que havia no estômago, completamente enojados. E os que suportaram a segunda visão viram as marcas de garras na lápide. Apenas uma palavra no epitáfio estava destruída, sendo possível identificar apenas uma letra: B.

As pessoas que moravam por perto foram interrogadas e deram suas versões sobre o que testemunharam, sendo posteriormente montado um plano cronológico com os fatos semelhantes e os diferentes pontos de vistas.

Por volta das nove horas da noite, que foi marcada por uma chuva intensa após um dia ensolarado, os cães principiaram a ladrar inexplicavelmente, num coro irritante que durou quase uma hora. Quem procurou identificar o motivo desse comportamento atípico percebeu que os animais estranhavam a própria sombra, pois nem trovões ou relâmpagos havia naquela noite. Os gatos, como contaram outros, também agiram de maneira estranha, miando ou rosnando ferozes e assumindo uma atitude de defesa e contra-ataque muito comum diante de um cachorro.

A partir das dez, o silêncio completo. Os animais domésticos, que antes latiam ou miavam sem pausa, alarmados, agora estavam quietos e olhavam o vácuo, demonstrando um medo tão grande que dois chegaram a morrer após urinarem intensamente. Mas, no geral, os bichos apenas urinaram e emitiram sons baixinhos, como quando alguém os repreende ou os machuca com muita violência.

Às onze horas ocorreu um fato curioso com as pessoas. Não com todas, mas com uma parcela significativa para que o caso fosse incluído nos relatórios. Quem conseguiu dormir, aninhado pela chuva gostosa, teve sonhos estranhos com cães de olhos esbranquiçados, pelos negros e proporções descomunais para um animal daquela espécie. Outros puderam ouvir latidos próximos, acordando e nada vendo além do quarto na penumbra; assustados, demoraram a dormir. Houve relatos de quem ouviu gritos de uma jovem sendo torturada — e até sonhou com isso, acordando banhados em suor e num estado quase catatônico.

Depois da meia-noite, quando a chuva já estava mais fraca, que sucedeu a coisa mais sobrenatural e assustadora, que fez a maioria passar mal só de se lembrarem para contar. As luzes ardiam entre as tumbas. E um cão, de tamanho avantajado, mais parecido com uma assombração do que com um animal vivo, andava acima dos muros, ora ou outra erguendo a cabeça e uivando, uivos tão altos que fizeram muitos corações palpitar horivelmente e o sangue congelar nas veias e artérias. Em alguns momentos, a criatura tornava-se bípede, assemelhando-se a um homem esguio e esqueléticos, logo voltando a ser um cão.

E o medo voltou a imperar, trazendo uma sensação mais angustiante do que aquela sentida com o ataque do Lobo Urbano.

Todos os noticiários comentavam sobre o crime macabro ocorrido no cemitério. Os mais sensacionalistas se dedicaram a entrevistar as testemunhas, além de exibirem com destaque as imagens da criatura misteriosa meta morfa baseando-se em descrições, que eram encaminhadas a desenhistas para

reconstituição. E assim todo o estado ficava em alvoroço a cada novo detalhe revelado de forma oficial ou não.

No decorrer de dois dias, em meio a boatos e notícias desencontradas, informações corretas sobre as sete pessoas mortas foram desvendadas. Quatro delas eram procuradas pela polícia por acusações de pedofilia, sendo que uma era uma mulher com longa ficha criminal, incluindo cárcere privado e tortura do enteado, com quem ainda teve relações sexuais; o restante era formado por estupradores de mulheres, vítimas desprotegidas que voltavam à noite ou do trabalho ou do colégio, no caso de jovens.

O coveiro, que fugiu do local devido ao grande barulho de ossos rangendo e uivos ensurdecedores, alegou que não viu ninguém entrando no lugar, afinal, após anos de ofício, havia aprendido a identificar a presença dos vivos perfeitamente. Viu, entretanto, um animal estranho rondando por ali, meia hora antes; era um viralata de porte médio, manso, a julgar que lhe sacudiu a cauda e nem fez sinal que o atacaria. E como não havia qualquer sinal de arrombamento ou de que alguém pulou o muro — hipótese mais aceita até então — e tudo aconteceu de modo inexplicável, as brechas para especulações estavam abertas.

Havia ocorrido um ritual de magia negra, sem sombra de dúvida, e algo talvez tivesse saído do controle, resultando no despertar dos mortos, que clamaram por justiça diante da violação de seus túmulos e mataram, esfolaram e criaram a poça de sangue, esticaram as peles e puseram na maior cripta encontrada. Esta era a crença geral. O que ninguém, contudo, conseguia relacionar ao acontecimento era aquele monstro. O que tinha a ver com as mortes e as violações de sepulturas? E o comportamento dos gatos e cães, que agiram por horas de forma inesperada e surpreendente? E os pesadelos das pessoas? Quais relações havia nisso tudo?

Era evidente que aquele caso estava além do conhecimento da polícia, o que fez o delegado enviar *e-mails* detalhados com os relatórios a amigos do país, buscando alguma solução ou pista para aquele mistério. Obteve algumas poucas respostas, nada tão importante e que fosse acrescentar informações.

Na *Internet*, quando alguém pesquisava nos buscadores sobre “O Lobo Urbano” e “O Caso dos Mortos Esfolados do Cemitério”, inúmeros *sites* poderiam ser abertos, todos relatando os fatos — vários com exageros típicos do sensacionalismo disfarçado de jornalismo sério —, acrescentando teorias bizarras e mirabolantes ou consultando “especialistas” do paranormal, espíritas, padres, pastores e sensitivos, mas sem jamais alcançarem uma iluminação ou sentido coerente para tudo aquilo.

Criou-se acerca desses dois eventos uma lenda urbana, que fazia a diversão dos estudantes. Era comum ouvi-los comentar sobre as coincidências dos casos: todos

os mortos eram criminosos perigosos, havia pegadas de um grande canídeo, a existência de requintes de crueldade, e por aí se seguia uma lista vasta e digna de um autor de horror.

As cidades vizinhas também estavam em alerta, muito mais do que quando o Lobo era uma ameaça. Agora era algo além da compreensão, uma entidade sobrenatural que assombrava e intrigava, mesmo que a polícia tentasse desmitificar o crime. Não havia como negar que tinha um quê de demoníaco por trás da lenda e dos fatos que a inspiravam.

Relatos avulsos eram comuns, provavelmente de pessoas querendo alguma menção na mídia, como a história pouco verídica da jovem que foi salva de um grupo de drogados por um enorme cão que surgiu da parede de um beco e rosnou para eles; ou ainda da mulher que pensava em cometer suicídio com um revólver, e de nada um animal lupino surgiu, mordeu sua mão e desapareceu como fumaça, levando a arma junto. Outras pessoas, como um pastor de uma grande denominação da cidade, mereciam certo crédito — ou não, como criticou um ateu, no dia seguinte ao desabafo do religioso —, que disse ter testemunhado uma enorme criatura entrar na igreja ao lado de um homem que parecia perturbado e se sentou numa das cadeiras do fundo. Durante todo o culto observou o sujeito e o animal que o acompanhava, notando que ninguém dava atenção para a presença do cachorro. Na pregação, comentou que havia um visitante que possuía uma maldição do Inimigo, ao passo que o homem se alterou e esbravejou algo num idioma que, para muitos, era o francês e foi embora furioso, seguido pelo que o pastor chamou, por fim, de demônio de pelo negro.

De uma hora para a outra, aquele cão negro ganhou contornos peculiares, ora como um justiceiro que matava ladrões, assassinos, estupradores e pedófilos, ora como um protetor da vida, impedindo estupros, suicídios e assassinatos. Noutras versões, geralmente proferidas em cultos religiosos dos mais diversos e missas, ganhava caráter demoníaco e de maldição pessoal; e ainda adquiriu um tom jocoso quando usado para advertir alguém.

Na cidade, tanto o cidadão que pagava todos os impostos quanto o criminoso mais perigoso temia como nunca antes a morte que um anjo negro e canino traria sem qualquer justificativa. Qualquer vulto ou sombra de origem suspeita provocava calafrios, e os cães de pelagem mais escura eram temidos e mortos por alguns, para horror de quem lutavam pela proteção dos animais.

Um semestre se passou, e o alvoroço também. Não houve mais ataques do Lobo ou qualquer morte estranha. Os relatos sobre o cão negro e macabro cessaram quatro meses antes. Quanto ao caso, este fora dado como não-solucionado pela polícia, tornando-se uma lenda urbana, mesmo que real e recente.

O cão e o homem

Local desconhecido, Brasil, 1925.

Conheci um homem marcado pra morrer — repetiu o velho, com pesar.

Nenhum dos mais assíduos frequentadores do bar lhe deu muita credibilidade nas primeiras três tentativas de contar a história, mas eu, como aguardava a chegada do ônibus, dispus meu tempo a ouvi-lo. Em sinal de gratidão, empurrou-me um copo e me serviu de sua bebida, que aceitei sorrindo.

— Fale desse homem que o senhor conheceu! — pediu, após bebericar um pouco. — Quem ele era?

— Um francês — começou o velho —, ele tinha um cão de pelos negros que causava muito medo na gente. Evitávamos ficar perto do coitado por isso, sabe?

— Sei. E como o senhor o conheceu? Deve ter uma história interessante, ou não estaria tão afoito para falar sobre isso, certo?

Sob o efeito do álcool, o homem assentiu. Mas não falou de imediato do que se tratava; parecia olhar para o vazio, para lembranças perdidas no tempo e no espaço. Talvez estivesse delirando, talvez nada do que se lembrava fosse real. Cogitei levantar-me, mas notei que sua distração, antes incerta e hesitante, transformou-se numa legítima expressão de horror.

— Pobre infeliz, o francês! — suspirou o velho, por fim, encarando-me com os olhos cansados e lacrimejados. — Ele sabia que não tinha como escapar de um trágico destino quando aportamos no Rio. Mas havia tentado, segundo nos contou o capitão, tentado de todas as maneiras fugir de uma terrível maldição que perseguia sua família.

“Naquela época, eu trabalhava como marinheiro para um navio comercial. Íamos de um lado a outro do globo, ora levando mercadorias do Brasil para Portugal, ora de Portugal para a França... Era um trabalho cansativo e que nos submetia a todo tipo de coisa. Mas era uma das poucas opções para pessoas como eu, que fui deserdado por não concordar com a forma que minha família lidava com os negros. Isso ganhou a simpatia de um dos marinheiros, cujo pai fora escravo, e foi ele quem me mostrou o francês marcado pra morrer.”

“Veja aquele sujeito!, disse-me. Olha como ele carrega um rosto abatido. Ele anda meio estranho, como se temesse a própria sombra.”

“De fato, o francês era alguém que causava uma sensação de estranhamento e piedade, ainda que algo nele, uma coisa que ninguém sabia dizer o que era,

provocasse uma repulsa. Ele não era feio; longe disso, tinha todas as qualidades de um nobre, e sua bagagem, quando embarcou no porto, após pagar muito bem nosso capitão, demonstrava que era um homem de posses. Mas era como se sua alma fosse manchada com sangue.”

“Saímos da França antes de uma tormenta. Jonas, o marinheiro negro, contou-nos histórias sobre como tempestades no mar costumavam revelar presenças espectrais. Não lhe dei crédito, afinal nunca fui de compartilhar superstições e crendices, uma vez que minha educação me fez racional; também não o repreendi, preferindo ouvir seus contos em vez de pensar em como o mar estava agitado e o navio se sacudia perigosamente de um lado a outro.”

“O francês se sentou conosco; estávamos no porão, rodeando uma lamparina pendurada no teto, e distraíamos com as histórias contadas. Entre os marinheiros, havia brasileiros, portugueses, italianos, franceses e mexicanos, e formávamos uma babel que se entendia por palavras similares e gestos universais; acredito que muitos riam mais pelos gestos do que pelo entendimento do que era contado.”

“Um dos marinheiros franceses, que falava nosso idioma mais ou menos bem, puxou assunto com o passageiro, perguntando-lhe de onde era, para onde ia e por que preferiu viajar conosco quando poderia estar num navio mais confortável e cheio de lindas mulheres. As respostas vieram atrapalhadas, pouco convincentes, mas se resumiram a problemas e desavenças com velhos inimigos da família.”

“E aquele belo cachorro negro?, perguntei.”

“Mal o marinheiro traduziu a pergunta para o francês, a expressão do passageiro se encheu de um horror indescritível. Ele olhou ao redor, procurando algo nas sombras. Não o encontrando, pareceu momentaneamente aliviado.”

“Não há nenhum cachorro negro comigo. Viajo só, respondeu, enxugando o suor da testa.

“Claro que há. Sebastião e Luigi também o viu embarcar com você’, retruquei.”

“Para provar que eu não mentia, fiz uma descrição detalhada do animal: assemelhava-se a um lobo, tinha pelos negros e brilhantes; os olhos eram acinzentados e transmitiam um quê de humanidade que me intrigou. Era um animal comportado e não causava quaisquer transtornos.”

“Diante de minhas palavras traduzidas pro seu idioma, o francês desesperou-se. Chorou e puxou os cabelos, maldizendo sua família, ofendendo os antepassados e uma bruxa. Três homens fortes o seguraram, tentando acalmá-lo; um foi esmurrado no queixo e, no reflexo, devolveu o soco, levando à inconsciência”

“Levaram-no aos seus aposentos e, entre risadas e bebidas, continuamos contando e ouvindo histórias, dando pouca importância aos delírios de um jovem rico que devia fugir de algum pai cuja filha foi desvirginada. Tive a impressão de algo se mover nas sombras e, ao olhar para um canto escuro, vislumbrei um par de olhos brancos me encararem antes de a coisa oculta desaparecer.”

“Havia algo muito errado com aquele sujeito vindo da França, tive certeza, enquanto me enchia de calafrios. E as coisas pioraram a partir dali, pois, pela manhã, demos por falta de um dos nossos. Justamente o marinheiro que pôs o rapaz histérico para dormir com um belo soco. Não era um navio muito grande, então a gente fez buscas por toda parte, esperando encontrá-lo dormindo em alguma parte da área de cargas. Não o achamos.”

“Sebastião, que conhecia os contos sobre assombrações, relatou-me, em tom de confiança, ter visto o cachorro negro andando pelo convés alta hora da noite, ora ou outra contemplando o mar revolto. As águas agitadas pareciam não o atingir, como se ele fosse um fantasma e quando o relâmpago cortava a noite, era como se o bicho não estivesse lá, pois se tornava invisível e seu corpo não projetava sombra.”

“Alarmados devido o sumiço de um colega, alguns marinheiros alertaram o capitão e lhe contou sobre o ocorrido na noite anterior. O interrogatório feito ao francês de nada serviu, pois ele não sabia o paradeiro do desaparecido e negava que tivesse trazido consigo qualquer coisa que não fosse sua bagagem.”

“‘Revistem as malas deste desgraçado e vigiem-no!’, ordenou o capitão, em português, enquanto se dirigia aos dormitórios.”

O velho fez uma breve pausa. Embora estivesse bêbado, sua eloquência beirava à perfeição, o que confirmava as origens burguesas. Fiquei o observando, tentando me decidir se dava crédito ao seu relato ou se o achava fantasioso demais, uma história que teria um público cativo em Londres.

— Não achamos nada do colega desaparecido, mas a paranoia já tomava conta de todos nós. O capitão, descrente em relação às explicações supersticiosas, exigia do francês alguma resposta sobre o paradeiro do desaparecido, mas ele nada sabia, suplicando-nos somente que o deixássemos vigiar em paz. Pareceu uma ameaça, então resultou em mais confusão, muitos marinheiros exaltados.

“Encurtando a história, acabamos prendendo o francês num quartinho. Não sem alguns de nós ter o surrado e o insultado. Sebastião e eu não entendemos todo aquele furor, afinal sempre buscamos resolver os problemas da forma mais

civilizada possível. Temendo sermos igualmente linchados, optamos pelo silêncio e a convivência.”

“‘Algo está errado aqui’, comentou Sebastião, pouco antes de sermos informados da aproximação de uma nova tempestade.”

“Foram três dias inteiros de chuva forte. As águas agitavam nosso barco, o capitão tinha dificuldade em traçar um curso, pois nenhum de nossos instrumentos de navegação parecia funcionar corretamente: as bússolas divergiam sobre os pontos cardeais, não havia estrelas para nos orientarmos e o telégrafo não parecia regulado, ou algo assim. Para completar nossa má sorte, os homens continuavam a desaparecer, mesmo estando o principal suspeito preso e sob constante vigilância.”

“No terceiro dia, após tanto sacolejar para lá e para cá, vendo seus subordinados sumirem um a um, o capitão tomou a decisão que mudou para sempre nossas vidas e a do pobre infeliz marcado para morrer. Ele sacou a pistola e, antes que pudéssemos fazer qualquer coisa, atirou contra a cabeça do francês, que ainda teve tempo de iniciar uma súplica e mencionar a Besta.”

O velho tornou a pausar o relato, desviando o olhar para um ponto distante. Se durante sua narrativa ele alterava as expressões faciais, oscilava o tom de voz e demonstrava um medo crescente, olhando para o vazio, com os olhos lacrimejados, parecia que vislumbrava algo nas sombras, um demônio que o aguardava.

— Não devíamos ter maltratado aquele homem. Não, não devíamos. Se o tivéssemos deixado seguir viagem conosco, não teríamos os três dias de tempestade e nem o desaparecimento de ninguém. E atirar em sua cabeça não nos ajudou em nada, pois, céus, mal os seus miolos se espalharam pela parede, deslizando com sangue e tudo até a cama em que o corpo caiu sem vida, um uivo alto, como se fosse um trovão, silenciou a tormenta.

“O capitão nos encarou sem compreender nada do que se passava. E nós também não entendíamos. Ele ia falar algo, uma ordem, uma pergunta, qualquer coisa, porém, saído de algum canto escuro, uma besta, um demônio nem homem, nem cão, pulou sobre seu corpo e o levou embora, junto com o homem que ele havia acabado de matar.”

“A desordem tomou conta de todos. Havia um maldito demônio em nosso navio! E estávamos amaldiçoados. Lutando por nossas vidas, buscamos os botes salva-vidas, tão afoitos que poucos repararam no que acontecia no convés: o monstro negro e canino estava debruçado sobre o corpo sem vida do homem que lhe pertencia; a boca mexia, como se recitasse alguma coisa; o capitão estava ao lado, imóvel, encarando-me com aqueles olhos de dar pena.”

“Éramos não mais do que onze homens se lançando no mar revolto. Sebastião foi num bote, com outros cinco, e eu noutro. Remávamos lado a lado, ansiando tomar distância do Cão, do francês, de tudo. A chuva continuava a cair. Os relâmpagos eram fortes, seguidos de trovões ensurdecedores.”

“Então veio aquele uivo.”

“Céus, como Deus permite que criaturas como aquele Cão andem pelo mundo? O maldito silenciou a tormenta mais uma vez, agora fazendo com que o mar se acalmasse, a tempestade parasse e os relâmpagos cessassem. Ouvíamos nossas respirações e os esforços desesperados para nos afastarmos do navio.”

“Eu ainda enxergava o navio e vi, para meu assombro, a figura do homem que deveria estar morto acenando para nós. Uma fumaça negra subiu às nuvens, que logo se amontoaram sob a forma de uma gigantesca fera canina que mergulhou no oceano.

“‘Remem!’, bradei, ciente da tragédia que nos envolvia.”

“O monstro emergiu com a bocarra aberta. Abocanhou o bote em que estava Sebastião e mergulhou novamente. Nunca mais vi nenhum deles. Creio que estejam, assim como os companheiros que estavam comigo, mortos no fundo daquele mar vítima deste relato.”

Aguardei a continuação da história, mas o velho estava tão bêbado que a partir daqui só saíam estranhas menções ao modo como o Cão o levou para o navio e o fez seguir o curso para o Brasil. A mim pareceu o relato de um louco que, por motivos obscuros, assassinou seus companheiros de viagens e o capitão, apoderou-se de sua carga e desapareceu por décadas. Faltou apenas o canibalismo, mas eu não estava mais interessado em dar ouvidos a um desequilibrado.

Chamei o garçom e paguei minha conta. Dei uma última olhada para o pobre coitado, que dormia um sono etílico. Cogitei me despedir, mas achei melhor não o incomodar.

Dois dias depois, enquanto folheava um jornal, deparei-me com poucas linhas que me intrigaram até mais do que a história exagerada que não terminei de escutar. Um velho fora achado, pela manhã, sem vida numa viela. Nada de valioso foi roubado, o que descartava a hipótese de latrocínio. E seja lá quem — ou o que — o matou, preferiu destroçar seu pescoço com uma mordida; foi algo tão repentino que a expressão de pavor do morto ainda pôde ser vista por quem o achou, horas depois de sua morte.

A sombra do cão

Zona Rural de Utinga, Chapada Diamantina, Bahia, 1985.

Os bois e as vacas foram postos no curral. Os vaqueiros comemoravam com euforia a longa viagem de uma fazenda a outra e tudo o que queriam era uma noite de descanso por ali mesmo, na casa destinada aos empregados solteiros, os peões, como eram chamados em sua maioria.

Francisco, ou Chico, como preferia ser chamado, assistiu com alegria o rebanho ser trancafiado. Havia sido uma boa compra aquela, algo lucrativo num futuro não muito distante. Os novilhos que adquiriu logo seriam bois e vacas, rendendo muito mais do que foi investido, principalmente naquela região transitória entre a Chapada Diamantina e o Sertão Nordestino, onde poucos conseguiram tantas riquezas no decorrer dos anos. Correu o olhar com orgulho para a grande casa em que morava. Os berrantes anunciaram a sua chegada e, com toda a certeza, a esposa e as filhas o aguardavam com ansiedade. Imaginava o café fresco, o bolo de fubá, o requeijão macio, a mandioca cozida, a manteiga, o pão caseiro, o leite quente, aquelas guloseimas que a mulher e as cozinheiras da fazenda faziam tão bem. Passou dias contemplando traseiros de cavalos e bois, ouvindo a prosa dos empregados e sentindo o cheiro da merda dos animais; enfrentou uma onça, sacrificou um cavalo, apartou brigas entre peões e foi seduzido por prostitutas nos bares que parou na ida e na volta para a aquisição do rebanho bovino. Tudo o que queria era passar algum tempo com a família e sentir o corpo quente da esposa.

Ele tinha quarenta e nove anos, mas estava muito bem para a idade, mantendo o vigor e o porte perfeitos para percorrer a região montado no cavalo baio, carregando o rifle de caça de um lado e o berrante do outro da cela. Os olhos castanho-claros apresentavam o mesmo brilho de sempre, porém com a experiência que adquiriu com o decorrer do tempo; os cabelos acinzentados, prensados sob o chapéu de couro, o rosto severo e moreno, marcado pelo sofrimento que teve de enfrentar para alcançar o sucesso.

Deu algumas ordens e foi para o casarão, atijando o cavalo para que corresse mais rápido, ferindo-o com as esporas. Freou-o já bem próximo da varanda e desceu num pulo, sem amarrá-lo, afinal o animal era severamente obediente ao seu mestre, tal como os cães da fazenda eram. Subiu os degraus da escada de madeira, fazendo-a ranger. Tirou o chapéu, deixando os cabelos livres.

— Pai! — gritou uma menina de pouco mais de doze anos que surgia na porta, usando um vestido florido.

O fazendeiro abaixou-se e abriu os braços. Largou o chapéu no chão. Foi um abraço gostoso e apertado, digno do amor entre pai e filha.

— Tudo bem com você e a mamãe, meu anjo? — indagou ele, a voz carinhosa, o que contradizia seu jeito tão austero.

— Sim, pai — respondeu a menina de olhos negros. — O bebê chutou na barriga dela! E eu senti!

— Que bom, filha!

Joana, a terceira esposa de Chico, estava grávida de sete meses. Apesar de ter ascendência indígena, possuía leves traços africanos e europeus, tornando-a ainda mais bela. Além disso, era muito carinhosa com as duas enteadas, a pequena Maria e Marta, que já tinha seus recentes dezoito anos. Os dois se conheceram um ano após a morte da segunda esposa do fazendeiro, quando este visitou o Amazonas na intenção de acompanhar de perto o leilão de um pequeno lote de bois e cabras. Levou as filhas também. Terminada a venda, que rendeu uma generosa quantia, aproveitou o tempo livre para passeios, visitando algumas aldeias e vilas indígenas, conhecendo um pouco mais da cultura local.

Numa dessas aldeias aconteceram duas coisas.

A primeira foi conhecer Joana, filha de mãe índia e pai ribeirinho — com traços eurafricanos —, resultando num amor à primeira vista. Isso tardou seu retorno, deixando o capataz responsável por tudo durante o tempo que permaneceu no Norte. Dedicou-se a enamorar a jovem, sendo correspondido já nos primeiros cortejos; não demorou muito e ambos passeavam por Manaus e pelos rios da região, e a índia mestiça servia de guia tanto para ele quanto para as filhas. Quando não pôde mais escapar de seus compromissos como proprietário de terras e rebanhos, voltou para a Bahia, prometendo retornar em breve para o Amazonas e pedir a jovem em casamento, o que cumpriu dois meses depois.

E aí veio a segunda coisa.

Embora muito rígido, Chico era um bom homem, sendo mais respeitado do que temido pelas pessoas que o rodeavam. Nunca impunha respeito, mas o ganhou por merecimento, por ser justo e honesto em tudo o que fazia. Foi assim que transformou a pequena fazenda que recebeu de herança em uma propriedade imensa e muito próspera. Quando a mãe de Joana o viu, foi tomada por certo assombro e pronunciou alguma coisa no dialeto de seu povo, o que a filha retrucou nervosa. Ambas discutiram por um tempo; por fim, a velha índia abençoou o matrimônio, demorando-se mais no genro do que na jovem. Ela ainda entregou um muiquitã, pedindo que ele sempre usasse em volta do pescoço e nunca o retirasse

sob qualquer que fosse a circunstância, pois isso o protegeria do demônio que o cercava.

— E a Marta? — perguntou o pai, olhando para dentro do quarto.

— Foi passear com o primo — respondeu a criança.

O homem suspirou pensativo. Não gostava de os dois andando juntos pelos campos, sem a companhia de um adulto. Precisaria ter uma conversa com eles, principalmente com o sobrinho.

— Vamos ver a mamãe — disse ele, levantando-se.

Os dois começaram a entrar na casa. O homem cessou os passos de repente. Algo o incomodava.

— Seu primo e Marta andam muito pelos campos sozinhos? — questionou o pai, da forma mais casual e natural possível naquele momento.

— Algumas vezes.

— E sua mãe, o que ela diz?

— Nada. Apenas para os dois se cuidarem.

Chico arfou. Conversaria com a esposa a respeito desse comportamento nada aceitável da filha com o primo. Não era bom para um fazendeiro que crescia na região, proprietário de uma grande área e de um imenso rebanho, ser incapaz de controlar a filha e permitir que saísse com o primo pelas pastagens sem alguém que os acompanhasse. Não queria duvidar da pureza de Marta — e nem pô-la à prova —, mas eram tempos diferentes. Não era mais como antes, quando os filhos respeitavam totalmente os pais, sendo a eles obedientes; estavam se tornando rebeldes, provavelmente influenciados pelo meio político e cultural em que nasciam e cresciam. Notícias de adolescentes grávidas, jovens viciados em drogas e tantas outras barbaridades sempre surgiam e assombravam até mesmo um homem que possuía alguma confiança nas filhas.

Correu os olhos para as serras ao longe, ainda vislumbrando traços ígneos da tarde, algo tão singelo e distante que nem mesmo poderia ser chamado de pôr-do-sol. Arfou, sentindo o pesar que sempre experimentava ao olhar a visão típica de lugares interioranos.

— Vamos ver a mamãe — disse, desviando os olhos.

Mal deram três ou quatro passos. Um uivo longo, poderoso e intenso ecoou pelos arredores da fazenda. Parecia vir de todos os lados da região, como um eco de mau agouro. Um calafrio sobrenatural percorreu as espinhas de pai e filha e seus corações pulsaram num ritmo incomum.

— É um lobisomem? — indagou a menina, apavorada e agarrada ao tronco do pai.

— Não, filha, não...

Os olhos castanhos de Chico voltaram-se pela segunda vez para as serras. Não viu mais os traços quentes do sol. Em seu lugar, uma intensidade azulada belíssima, mesclada a uma grande nuvem negra, que parecia assumir a forma de um...

— Deus! — desesperou-se.

Abaixou-se rapidamente.

— Maria, vá ficar com a mamãe! — pediu ele, tentando manter a calma.

— Mas, pa...

— Vá, filha! Eu volto logo! Vou buscar a Marta e o primo.

A garotinha abraçou o pai, com medo, que aceitou o gesto com muita impaciência, afastando-a em seguida. Saiu da casa e fechou a porta, assobiando para alguns empregados.

— Venham comigo! — gritou, correndo para o cavalo. — Rápido!

Os homens obedeceram, embora ninguém entendesse o que se passava.

Chico montou o animal, apressando-se em pegar o rifle curto preso à cela. Destravou-o e atçou o cavalo rumo aos campos.

— Para lá! — apontava, com o cano da arma, em direção ao ponto cardeal que se encontrava a estranha nuvem. — Para lá!

— O que houve? — perguntou um dos homens.

— Minha filha, a Marta...

De repente, tomando consciência de uma possibilidade assustadora, fez o cavalo parar, o que quase resultou numa queda horrível. Correu os olhos em volta, atento ao mínimo movimento.

— Dois de vocês voltem para minha casa! — ordenou. — Chamem todos e cerquem a casa! Protejam minha família! Agora!

Imediatamente as ordens foram atendidas.

— O que está havendo, Chico? — questionou um dos peões, um paulista.

— Ouviram o uivo?

— Sim.

— A criatura que uivou não é um animal comum...

— Lobisomem? — arriscou um dos homens, o mais supersticioso.

— Infelizmente não — respondeu o baiano, segundos antes de sair em disparada ao oeste, gritando e esporeando com força o couro peludo do cavalo para que este acelerasse os passos.

Marta nunca foi de desobedecer ninguém, sempre atendendo a tudo aquilo que lhe era transmitido, desde uma simples tarefa de casa a coisas maiores, como evitar conversar com os garotos e — a mais séria de todas as proibições — namorar. Contudo, com recentes dezoito anos concluídos, ela se sentia tão estranha que nem sabia explicar ao certo o que a incomodava. Olhava de maneira diferente para os rapazes com quem tinha algum contato. Os colegas de classe, nos meses finais do ano letivo, despertavam sensações esquisitas, algo que ela não saberia detalhar ou explicar, caso fosse questionada.

Não poderia, nem se quisesse, conversar com a madrastra, pois temia que ela contasse ao pai sobre aquelas coisas, o que a faria levar uma surra dele. Lembrava-se das vezes que apanhara; e não eram lembranças boas. O melhor a fazer era guardar aquilo para si, numa tentativa de sufocar ou controlar as sensações. Enquanto não conseguia, deixava-se dominar pelos desejos mais pecaminosos possíveis; olhava para os colegas de classe — e mais à frente, quando de volta à fazenda do pai, para os peões — e imaginava-os nus, juntos ao seu corpo. Suava, delirava e gemia baixinho... Pensamentos livres e libidinosos. Tomava banho para acalmar o que parecia consumi-la como fogo. Inúmeras noites solitárias a jovem confusa se tocou intimamente. Deixava-se delirar com fantasias adolescentes, fragmentos da mente atrapalhada entre o que lhe diziam ser errado e o que lhe dava prazer. Sim, prazer! Era isso que Marta sentia quando se tocava ou devaneava ao olhar os rapazes e homens viris. Não era o prazer semelhante quando saboreava algo delicioso ou quando sentia a água fria no corpo num dia de calor. Era diferente, mais intenso e viciante.

O medo de ser descoberta, a culpa pelo que sentia, o desejo de ser tomada nos braços por um homem, tanta coisa rodopiando a mente, sonhos quase reais. Num deles, ela, vestida igual a uma camponesa europeia, andava pelas florestas ao lado de um belo e imenso cachorro de pelos negros, que era tão dócil quanto um gatinho; um jovem de bela aparência a agarrava com força, pressionando-a contra uma árvore; tentou fugir, mas acabou se deixando seduzir pelos encantos do desconhecido. Acordava suada e ofegante quando tinha esses sonhos, e quase sempre as partes íntimas estavam em estado quase febril.

As semanas passaram. O desejo incontrolável a fazia tomar vários banhos por dia, sempre alegando ser culpa do calor. Tinha vezes que sumia pelo pomar, sentando-se sob a sombra de alguma mangueira ou jabuticabeira. Ficava ali apenas

para se satisfazer, amenizar a tensão que a enlouquecia. Uma vez, numa dessas fugas oportunas, viu um dos empregados da fazenda, o responsável por cuidar da horta e do pomar, sem camisa e urinando. Inicialmente sentiu repulsa e vontade de retornar para casa, mas a coisa que o homem segurava a deteve. Olhou, entre a admiração e o desejo. Arfou. Nunca havia visto tão... Apenas em gravuras tímidas de alguns livros.

Após esse episódio, que nunca mais se repetiu, ela passou a ouvir as conversas das cozinheiras e lavadeiras. Todas casadas e passando dos trinta anos, tinham muitas histórias para contar, e não foi difícil para a menina-moça, com o talento de perguntar, saber o que bem lhe interessasse. Elas lhe contaram sobre as relações com os maridos, o que gostavam de fazer na cama — ou fora dela, como comentou uma, dando gargalhadas generosas. Alguns homens eram mais agressivos, outros mais pacientes; uns gostavam do “papai-e-mamãe”, outros de variar. Com certo horror — e curiosidade — que descobriu que havia uma parcela pequena que apreciava a sodomia!

No final de um mês, a antes inocente Marta já sabia muito acerca de assuntos sexuais, embora ainda fosse virgem. Cada novo conhecimento rendia mais desejo e vontades insaciáveis. O medo deu lugar ao anseio e ao entendimento. Queria sentir aquilo que as empregadas relatavam sentir, experimentar cada uma das coisas que as outras haviam experimentado, inclusive as que nunca pensou querer praticar.

Ainda se sentia estranha quando o primo Astolfo apareceu, dois meses depois de ter a jovem completado os dezoito anos. Ao ver aquele rapaz de boa aparência, vindo da capital após problemas com alguns moleques do bairro, seu coração acelerou; a emoção, se é que assim podia chamar o que sentiu, quase a fez deixar cair a pequena cesta com amoras que trazia para a madrastra — quem o pai insistia que ela e a irmã chamassem de “mãe”.

— Oi, prima — disse ele, com a voz suave, sorrindo.

— Oi. — Foi tudo o que conseguiu dizer.

No decorrer de dois ou três dias, ambos estavam muito próximos, como se fossem amigos desde a infância. Talvez porque os dois possuíam algumas coisas em comum, como o fato de serem órfãos de mãe — no caso do garoto, a mãe morreu de tuberculose, três anos depois de seu nascimento —, ou talvez ainda por terem idade próxima — Astolfo era apenas um ano mais velho do que Marta. Não demorou muito para que comesçassem a passear pelos campos ao redor da fazenda, passando muitas horas se divertindo e conversando; a moça ensinava o que sabia sobre ali, enquanto ele contava sobre as praias de Salvador, lugar que a prima ainda não havia tido a chance de conhecer. E cada um descobria e aprendia algo alheio à realidade particular.

Foram várias tardes passadas com os dois tão próximos e sozinhos, longe de alguém para vigiá-los. De maneira tão repentina quanto uma tempestade, uma paixão estranha — pelo menos para a jovem interiorana — consumiu-os, e quando perceberam, estavam sentados numa parte de grama curta; abraçados, num beijo impetuoso. As mãos do rapaz corriam pelas coxas morenas da prima, indiferentes ao vestido que ela usava por cima de um *short* adequado para a montaria. A jovem, como única e suficiente resposta, arfava, sentindo o corpo estremecer, incapaz de qualquer outra reação mais lógica.

Marta não fez o mínimo esforço para resistir às carícias do primo; não o repreendeu nem o impediu momento algum. Somente suspirava e o agarrava, cada vez mais agressiva nos beijos, mordendo seus lábios e arranhando suas costas com as unhas. Nem parecia a moça acanhada de outrora, e sim uma mulher experiente e selvagem, um animal no cio...

Despiram-se com rapidez e ferocidade quase incomuns, ambos desavergonhados. Tomaram apenas cuidado para não rasgarem as roupas. Foi algo tórrido, impulsionado por desejos que eles não saberiam explicar ou nomear. Era uma paixão desenfreada — ou qualquer outro nome que se daria a um impulso sexual tão avassalador e forte. Astolfo, tomado pelo desejo de possuir uma jovem — virgem — tão linda quanto Marta, agia com agressividade, urrando incontrolável, cada investida capaz de sacudir o corpo frágil da prima, que também compartilhava daquela sensação primitiva, intensa e pecaminosa.

A garota, no final daquela tarde, não era mais a donzela de antes. Ela havia sido abraçada e possuída, totalmente influenciada por uma força além de sua compreensão ou entendimento racional.

Ambos pareciam, de modo ensandecido, arrebatados por forças exteriores tão poderosas que entrariam no âmbito do misticismo e do sobrenatural. Ao se satisfazerem, vestiram-se. Um não disse nada ao outro. Estavam, após aquele momento selvagem de sexo, sem assunto. Não era vergonha, e sim cumplicidade. Não precisavam trocar palavras.

Se para quem testemunhou a cena assustadora não era tão fácil esquecer nos dias posteriores, para a infortunada Marta, que a viveu, era uma sina que carregaria para sempre. Não era uma coisa que se perderia da mente com facilidade, pois desafiava toda e qualquer sanidade existente. O horror e o pânico que caíram sobre cada um que esteve envolvido foram tão reais quanto a besta saída do Inferno, com seu rastro de enxofre e sangue.

Os cavalos galgaram pelo campo até certo limite, cessando bruscamente os galopes, derrubando três cavaleiros com violência. E não adiantaram as chicotadas,

os puxões fortes das rédeas e as esporas perfurando os couros suados e trêmulos. Os animais se recusaram a avançar um metro que fosse, relinchando e bufando, olhos esbugalhados, vislumbrando algo que o olhar humano ainda era incapaz de ver.

Chico, com os olhos voltados para a pavorosa nuvem negra, que parecia se curvar para um ponto específico, ordenou que alguns homens o seguissem. Cuidou de levar consigo o rifle curto, checando outra vez se estava carregado; pegou ainda um revólver e um facão, sabendo perfeitamente o que enfrentaria quando encontrasse a filha e o sobrinho.

— Senhor, o que estamos fazendo aqui mesmo? — indagou um dos empregados, o mais dedicado e leal ao fazendeiro.

— Salvando minha filha — respondeu o baiano, caminhando um ritmo acelerado.

— Salvar do quê?

— Daquilo lá em cima.

O homem olhou; havia uma massa escura e de forma esquisita. A nuvem, de alguma maneira, parecia ter vida própria, pois parte dela descia para um ponto entre o campo e a mata típica da região, no pé de uma serra.

— Da tempestade? — questionou ele, confuso, fitando o semblante preocupado e tenso do patrão.

— Não... — Tornou a responder Chico, ofegando. — Do que está provocando a tempestade.

O capataz desistiu de tentar entender do que se tratava, limitando-se apenas a acompanhar o patrão, olhando para cada um dos companheiros, percebendo neles um temor supersticioso e desprovido de qualquer sentido racional para existir. Embora em pequena dose, também sentia o clima incomum daquele início de noite.

Não demorou muito para ouvirem os gritos de horror e desespero da jovem, tão altos e carregados de pavor que fizeram os homens se arrepiarem e estremecerem por alguns segundos, os corações pulsando num ritmo quase fatal.

— Marta! — urrou o fazendeiro, correndo em disparada para o ponto em que a nuvem macabra tocava o solo.

Conforme avançava, ele percebia o clima gélido se intensificar, a visibilidade ser cada vez mais dificultada pela camada densa de nevoeiro acinzentado. Preparou o rifle, andando com cautela para uma direção apenas, a tensão aflorando em cada parte de si. Pisava firme, esperando que a qualquer momento um demônio conhecido saltasse à sua frente, os caninos alvos contrastando os pelos escuros.

Temia pela filha tanto quanto não se lembrava ser capaz. Havia brigado com homens perigosos, arrumado rixas que quase custaram a vida, enfrentado jacarés no Pantanal, onças enormes e famintas, mas nunca, em nenhum desses momentos, o medo que sentiu foi tão visceral e perverso quanto o daquele momento.

Lembranças antigas, coisas que julgava já enterradas, voltavam com fúria assassina, sedentas por sangue. Por anos, com certo sucesso, havia contornado tudo aquilo, evitado que a maldição demoníaca caísse sobre a família, sobre as filhas. Fez coisas indignas a um homem cristão em nome da segurança de quem amava, mas não foi o bastante. A besta impiedosa retornou com mais voracidade.

Sentia o cheiro forte de enxofre e rosas, uma combinação estranha e muito peculiar. Nunca se esqueceria do aroma que simbolizava a desgraça de sua ascendência europeia. Não tinha como esquecer uma recordação tão sombria e cruel da própria existência, algo que manchou sua infância com sangue e lágrimas.

— *Pai!* — gritou a voz da filha, surgida de algum ponto.

Chico buscou-a com o olhar. Vultos disformes o rodeavam de maneira fantasmagórica.

— *Pai!*

— Você não é minha filha, demônio! — esbravejou o baiano.

Gargalhadas brotaram por todos os lados.

— *Claro que sou!* — insistiu a voz suave de Marta, entre os risos de deboche.

— Não! Não é! É aquele demônio maldito que me persegue em pesadelos e que matou meu pai!

Era possível ouvir passos pesados e animalescos na retaguarda. Num movimento rápido, ele se virou e atirou, provocando um urro de dor.

— *Sabes que tua hora se aproxima, não?* — perguntou uma voz mansa, porém com toques inumanos, como um ganido, um rosnado baixo e desprovido de vida.

— Não vai me levar com você, besta do Diabo!

— *Todos teus antepassados tentaram fugir de mim, mas ninguém foge daquilo que é o destino imutável pelas ações tomadas ao longo da vida.*

— Eu não fiz nada contra você! Nada!

— *Não é o que fizeste contra mim, mas o que fizeram contra ela.*

Imagens dos pesadelos dominaram a mente do homem. Uma jovem sendo torturada cruelmente das formas mais assombrosas, macabras, impiedosas e humilhantes possíveis. Não sabia quem era, nem os motivos que a levaram a ser submetida àquilo.

— Cadê minha filha? — indagou ele, afastando de si aquelas figuras horrendas.

— *Não te preocupes com ela. Não a matarei por ora, como fiz com teu sobrinho, a quem o sangue me servirá de meio para que tua linhagem quite o que me deve há séculos.*

— O que fez com Astolfo, filho do Demônio?

As gargalhadas se intensificaram, sendo abafadas apenas por berros de um rapaz agonizante.

— Senhor! — gritou o capataz, surgindo do nevoeiro. — Zezão foi ferido por seu disparo!

Chico voltou a si.

— Ele está vivo? — perguntou, preocupado.

— Por sorte passou raspando o ombro. Nada grave.

— E Marta? Vocês a acharam?

— Ainda não, mas vimos rastros de sangue por aqui.

— Levem Zezão de volta e tratem dos ferimentos dele! — ordenou o fazendeiro, indicando dois empregados. — E o resto vem comigo! Vamos achar os meninos!

Todos obedeceram.

O nevoeiro continuava, contudo a visibilidade estava melhor. Inexplicavelmente, conforme os homens avançavam, seguindo a trilha de sangue, a camada se dispersava e permitia que eles seguissem a direção certa.

— Meu Deus! — foi a primeira exclamação a ser ouvida quando confrontaram a cena assustadora e sobrenatural.

Diante deles, a poucos metros, Marta se encontrava nua, coberta de sangue, deitada no solo, inconsciente, enquanto um enorme monstro, que lembrava um cão negro de porte descomunal, destroçava o corpo ainda vivo do rapaz.

Descrever a besta que viam diante de seus olhos incrédulos seria algo muito subjetivo, pois ao mesmo tempo em que parecia sólida, a criatura era composta de... fumaça! Sim, seu corpo era tão gasoso quanto a nuvem que caíra sobre a terra e dera origem ao nevoeiro! Apenas duas características saltavam com precisão: os pelos negros e sem brilho arrepiados, em harmonia com seu tamanho quase equino; e os olhos tão brancos quanto o vestido de uma noiva, que brilhavam numa sede de sangue e fome de carne e almas.

Sem perda de tempo, todos ali atiraram. Queriam o quanto antes mandar aquele demônio em forma de cachorro de volta ao lugar de origem. Descarregaram

revólveres e rifles contra o animal, que apenas se moveu um pouco para conseguir arrancar o coração do peito de Astolfo com os dentes alvos e afiados e devorá-lo numa bocada. Engoliu-o, sob os olhares horrorizados dos humanos. As balas não haviam causado o menor arranhão.

A coisa ergueu o olhar vazio, parecendo cortar todo o véu noturno, o manto escuro e sombrio que ele próprio criou. As enormes patas dianteiras estavam sobre a carcaça mutilada do garoto; uma delas pisava o crânio, esmagando-o como se fosse madeira podre.

— *Eu te aguardo* — rosnou o monstro, dirigindo-se ao fazendeiro, que estava paralisado, tomado pelo horror daquela cena macabra.

Num pulo rápido, sem qualquer respeito com as leis gravitacionais, a fera saltou os homens parados e apavorados, rosnando para dois, que caíram como se fulminados por um raio, cobertos por queimaduras de segundo grau. Galgou veloz rumo às serras, levando consigo línguas de um fogo acinzentado, o rastro forte de enxofre e rosas e a névoa densa e sombria. Para trás deixava a certeza de que atormentaria sua vítima, que até pouco antes acreditava que nunca mais veria, além de uma jovem inconsciente e com marcas de seu poder, um corpo devorado e sem o coração, dois tolos castigados por pensarem em atrapalhar seus planos, no desejo de terem relacionamentos sexuais com a garota, e alguns homens totalmente assustados.

Por ora, a sede estava saciada.

E o horror de outrora mais uma vez havia sido restaurado.

Chico custava acreditar nos acontecimentos das últimas semanas. Enquanto esvaziava a última garrafa de cachaça que dispunha na fazenda, olhando o sol sumir no horizonte diante da varanda, pensava em tudo o que sabia acerca daquela coisa canina que o perseguia desde criança. Não gostava de revirar a memória em busca de lembranças que tanto queria apagar. Mas o fato do sobrinho ter sido brutalmente assassinado, o peito aberto e o coração devorado por uma fera sobrenatural, dois homens serem queimados por um fogo invisível e a filha ter se comportado como uma prostituta lhe davam o que pensar.

Estava, talvez, enlouquecendo com tanta coisa. Desde aquela noite, sempre que tentava formular uma tese, recordava-se da morte do pai. Na verdade, sentia a presença dele ao seu lado, sempre resmungando, pronto para lhe aplicar uma boa surra por seus atos de moleque.

Naquela noite, após se recuperar do choque, cobriu a nudez da filha com a camisa retirada do corpo suado às pressas, gritando para todos os peões que dessem

um jeito de levar os corpos para perto da casa e que alguém fosse chamar a polícia o quanto antes. Não se preocupava com o estado dos que sobreviveram, mas com a segurança de sua família.

Foi com alívio que viu que todos estavam bem, embora temerosos. A esposa e Maria rezavam para a Nossa Senhora, a pedido da menina. Temiam um mal que desconheciam. E ficaram um pouco mais tranquilas ao verem o fazendeiro retornar com o corpo desfalecido de Marta nos braços, embora quase banhado em sangue.

— O que houve? — indagou a mulher, sentindo dor nas costas ao realizar um movimento mais brusco.

— Depois explico — respondeu ele, passando com rapidez pela sala e levando a filha para o banheiro.

Joana não seguiu o marido, pois teve de se sentar ao sentir as pernas fraquejarem.

— Antônia! — chamou Chico, aos berros. — Antônia!

Uma mulher de ascendência africana surgiu aflita, o terço nas mãos.

— Dê um bom banho nela! — mandou, com firmeza.

Ele saiu do banheiro e voltou para junto da esposa, sentando-se ao seu lado e chamando a filha mais nova para junto deles, abraçando-a.

— Cadê Astolfo? — questionou a índia.

— Ele ainda está desaparecido — mentiu, fazendo uma careta para a esposa, que compreendeu o que significava.

Quando a polícia chegou, todos contaram o que viram, o que gerou muita confusão, quase resultando em prisões, contudo a garota, que despertou gritando, ainda assustada, confirmou a história. Os rastros de um grande animal, as marcas de dilacerações causadas por dentes e garras e o forte cheiro de enxofre e rosas nos locais dos acontecimentos confirmaram todos os relatos inacreditáveis, ainda que a contragosto dos policiais. O caso seria, portanto, severamente apurado nos dias seguintes.

E assim se passaram sete semanas.

Houve alguns acontecimentos estranhos depois, porém nada que fosse comparado ao daquela noite. Cães que surgiram mortos e ressecados, de modo misterioso; alguns bois foram acometidos de loucura e ameaçaram os peões, ocorrendo sacrifícios para evitar acidentes graves. Coisas de natureza inexplicável, contudo não tão assustadoras quanto a aparição da besta sanguinária. Alguns empregados, os mais supersticiosos — e ajuizados — pediram demissão no decorrer das primeiras semanas, alegando estarem numa terra amaldiçoada pelo

Capeta. Temiam que a coisa que matou Astolfo também arrancasse os corações deles ainda em vida. Outros, que pensavam em partir também, permaneceram mediante aumento de salário.

Pelas notícias que Chico ia recebendo, o corpo do sobrinho foi enterrado em sua cidade natal, no oeste da Bahia. No decorrer das semanas, entretanto, mais familiares foram mortos, todos de maneira mais comum — para os padrões da morte do jovem —, como disparos acidentais, resistência a assalto, brigas em bar... O fazendeiro sabia que o maldito demônio canino estava por trás de cada uma das mortes. Tudo que acontecia era obra da besta que alguém de sua ascendência europeia, em algum momento da História, despertou a ira. Não sabia quem era, nem como foi, mas agora pagava um alto preço por algo que não havia feito. Sentia-se injustiçado.

O Cão Negro o queria. Rondava a casa, como descobriu recentemente, incapaz de atacá-lo ainda. Vigia-o pelos campos, sem se ocultar, sem recear ser visto. Conhecia sua natureza demoníaca, sua invulnerabilidade a qualquer tipo existente de arma usada pelo homem; estava além de qualquer coisa natural no mundo. Não respondia a nenhuma lei criada por Deus ou pelos homens.

Sentia-se agradecido pela sogra ter dado o muiiraquitã, que parecia protegê-lo dos horrores que a criatura infernal trazia. Não sentia tanta segurança quanto gostaria, porém o pouco que experimentava era capaz de proporcionar certo conforto. Temia pelas filhas e esposa, por isso voltava para casa antes do entardecer, saindo sempre quando o sol estivesse bem alto nos cumes das serras do fundo da propriedade, a leste.

Não via muito a figura sombria do cachorro durante o dia, exceto quando o sol era coberto por nuvens — ou quando chovia. As aparições não representavam ameaça; simplesmente indicavam que ele aguardava o momento oportuno para outro ataque, ainda mais cruel e arrebatador. Talvez o demônio familiar estivesse aguardando alguns eventos determinados para agir. Por isso a calma aparente, as rondas silenciosas pelas madrugadas e as aparições breves durante o dia. Mas o que pretendia? Quais planos malignos ele tramava? Por que prolongar algo que tanto ansiava? Teria, por trás daquela paciência toda, um propósito muito maior e assombroso, merecedor de tanta calma e espera? Se tivesse, qual seria?

Chico bebeu o sétimo copo da cachaça, os olhos lacrimejados. Pousou a mão no rifle carregado. Perdeu as contas de quantas vezes fez aquilo desde... desde... Nossa! Era impossível determinar por quantas vezes, durante meses, sentou-se ali, os olhos no oeste, aguardando a besta surgir.

Olhou o sol ganhar contornos sanguíneos no horizonte. Sentia o cheiro de sangue no ar. Arrancou o objeto que tanto o protegeu. Não precisava mais dele, não

após os episódios ocorridos meses antes, na noite sangrenta e decisiva. Mortes, gritos, horror e perdas.

O ritual de sentar-se ali antes era uma forma de relaxar, de meditar acerca das coisas. Agora, depois do segundo ataque do Cão, era o oposto. Ficava na vigília e no delírio insano de se vingar.

Naquela noite, ele acertaria as contas com o demônio pelas perdas sofridas. Sabia que a besta viria; pressentia isso em cada fibra desgraçada de seu corpo cansado. Tinha certeza de que aquela coisa voltaria para concluir a vingança e carregar mais uma alma para o inferno.

Recordava-se daquela madrugada com a alma pesada; e bebia porque queria aliviar o peso da culpa que o consumia.

Durante o fim de tarde, uma grande tempestade se formou e o céu assumiu uma cor escura, quase negra, parecendo que o fim dos tempos estava próximo. Os ventos se tornaram intensos, curvando algumas árvores e derrubando outras. Rapidamente os homens trataram de pôr todo o rebanho no curral e as mulheres pegaram as roupas estendidas nos varais. Não tardou para que a chuva caísse em abundância. Relâmpagos medonhos e trovões ensurdecedores apavoravam Maria, fazendo a irmã abraçá-la, numa tentativa tola de acalmá-la — e se acalmar também.

— Vai ficar tudo bem — falou Marta, encostando o queixo na cabeça da caçula.

Àquela altura, a barriga da garota já era bem saliente, expondo as consequências dos encontros carnavais com o falecido primo e mostrando ao pai dela inúmeros motivos de vergonha e pesar. Havia se passado alguns meses desde o macabro início de noite, quando viu a besta-fera tirar Astolfo de cima dela, assim que ele atingiu o orgasmo e gozou, e lançá-lo a um metro de distância. Ela gritou e tentou fugir, contudo a coisa a impediu, arranhando-lhe a barriga, provocando um corte que cicatrizaria nove dias depois, ficando somente rastros esbranquiçados das garras. A seguir, o monstro se voltou para o rapaz e iniciou a mutilação de seu peito.

Como queria esquecer aquilo tudo!

O pai a surrou muito alguns dias depois; estava decepcionado com a atitude imoral que ela teve. E quando soube da gravidez, irritou-se ainda mais, contudo não bateu nela. O pai e a madrastra tentaram induzi-la ao aborto, recorrendo a misturas e métodos indígenas que Joana tão bem conhecia; inexplicavelmente, nada abortivo surtia efeito — para o desespero até mesmo da garota, que desejava não ter a criança, pois tinha horríveis pressentimentos quanto ao futuro de ambos.

Incapaz de olhar para Marta, o fazendeiro apenas a ignorava.

A agitação na casa era grande porque a índia estava em trabalho de parto há algum tempo. Graças à forte chuva, não poderiam ir a um hospital; com as estradas enlameadas até a rodovia, nem mesmo o melhor cavalo conseguiria percorrer o caminho sem pôr a vida de alguém em risco. Mas, por sorte e para certo alívio, uma empregada detinha alguns conhecimentos herdados da mãe, uma parteira famosa na região. Mulheres corriam de um lado a outro, com baldes d'água, panos, ervas e vasilhas. Gritos de dor se misturavam aos de ordens e certo desespero. Uma ou outra aparecia e passava alguma informação para o patrão e as filhas. Dava para ver a angústia nos gestos, nas vozes e nas sucessivas idas e vindas da cozinha para o quarto e do quarto para a cozinha. Algo estava errado.

As horas foram consumidas numa espera aflitiva. A tensão pairava no ar como um abutre à espera de carniça. E nada do parto ser concluído. Passou da meia-noite facilmente e a madrugada se estendeu como um manto envolvendo um corpo frio, dando sinais claros de que algo sinistro se aproximava. E estava faminto.

Quase três horas da madrugada; as mulheres, bastante supersticiosas, benziam-se e murmuravam uma crendice sobre a aproximação da hora maldita. A crença que pairava era sentida por todos, sobretudo por causa do clima chuvoso, gélido — a ponto de provocar calafrios e tornar visíveis os vapores oriundos da respiração —, sombrio e tão propício ao misticismo.

Chico, o único ali ciente das coisas macabras que rondavam a família há décadas, talvez séculos, observava os sinais dos fenômenos com inquietude. Primeiro espalhou pela casa arruda e sal grosso, pondo doses generosas entre frestas e nos cantos de todos os aposentos e salas, tomando cuidado para que ninguém suspeitasse do medo quase irracional que o dominava; a precaução foi inútil, pois que todos o viram, embora ninguém ousasse questioná-lo — até agradeciam, em preces silenciosas, o ato preventivo. Ele deixou o rifle curto e dois revólveres carregados ao alcance — o primeiro ficou no quarto que era de Astolfo e os últimos estavam na cintura, ocultos sob a camisa.

Àquela hora sinistra, a filha mais nova dormia um sono muito semelhante ao da morte, estando apenas a mais velha — a vergonha que o fazendeiro tentava esconder naquele lugar longe da civilização — acordada e temendo que algo ruim acontecesse, incomodada com as pontadas no ventre a cada três minutos. Passava a mão na barriga e sentia as cicatrizes do ataque do enorme cão; foi um milagre ter sido poupada; e mais milagroso ainda foi ter aquele arranhão cicatrizado em um prazo tão curto.

Ainda era acometida por pesadelos com a besta-fera saída das profundezas abissais do mundo inferior, o coração ensanguentado e pulsante do primo na

bocarra, os olhos alvos cortando as trevas oriundas do buraco no qual ele também emergiu. A afirmação “*Levarei vós todos*” suave tão firme quanto a morte, em ecos que se repetiam numa mesma tonalidade, enquanto ela tentava despertar; quando o conseguia, sentia o ventre doer um pouco, talvez por causa do mal jeito que seus movimentos inconscientes faziam durante os sonhos.

Acordada, observando o relógio marcar a hora demoníaca, Marta se perdia em coisas que depois não soube explicar.

— Seu Chico! — berrou uma das mulheres que ajudavam a parteira, enquanto as demais gritavam em grande desespero e horror.

Sem titubear, o fazendeiro sacou os dois revólveres e avançou para o quarto, apenas para testemunhar a cena mais grotesca que seus olhos — ainda com a recordação da morte macabra do sobrinho — já viram: a besta-fera, meio cão e meio homem, enorme e bípede, estava prostrada sobre a cama em que jazia a esposa, engolindo um dos bebês, que esperneava sem chorar; a bocarra se abriu de forma horrenda, os ossos da mandíbula estalaram e se deslocaram para permitir ao monstro devorar a criança antes que o pai pudesse esboçar qualquer reação.

Alguns disparos acertaram — ou aparentaram acertar — a criatura, que urrou ensurdecedoramente, contudo não de dor, e sim de prazer, abafando os gritos não apenas das mulheres enlouquecidas pelo ocorrido, como também do homem, que não sabia bem o que fazer diante de um espetáculo tão pavoroso e repulsivo. A seguir, ela agarrou a outra criança, dando um salto para frente, ficando face a face com Chico.

— *Tu és o próximo* — disse o demônio em forma de homem-cão, num rosnado firme e medonho. — *Levar-te-ei, assim como fiz com teu pai, com teu avô, com teu bisavô, com todos os homens que te antecederam.*

— Por quê? — indagou o pobre infeliz, mais por impulso do que por vontade de saber o motivo real de tanta desgraça, as lágrimas escorrendo, a boca pegajosa.

A coisa demoníaca e de pelos negros, com quase dois metros e meio de altura, deu uma gargalhada terrível, quase como um rosnado de cão, e agarrou o homem pelo pescoço e ergueu-o até que os olhares se encontrassem mais perto.

— *Sonhas ainda com ela, não sonhas? Ainda sentes a dor que ela sentiu injustamente, não sentes?*

O Cão tornou a gargalhar, antes de arremessar o homem sobre a cama, ao lado do corpo dilacerado da esposa. Em seguida, veloz, avançou para a sala, parando por breves segundos diante de Marta, que tremia de medo, encolhida no sofá. Ele a farejou, concentrando-se na barriga — e o feto revirou-se com violência, fazendo a

garota gritar. E, por fim, a fera se jogou sobre a porta, arrebentando-a e confundindo sua existência obscura com as trevas da madrugada.

Chico estava horrorizado; fitava o rosto desfigurado de Joana, que formava uma máscara pálida e contorcida devido à visão que teve do cão demoníaco. O ventre estava rasgado de maneira brutal pelas garras da coisa infernal, com um buraco de onde o monstro retirou os bebês, devorou de imediato um e raptou o outro, impedindo-o de conhecer os filhos que tanto ele e a esposa desejavam ver os semblantes.

Levantou-se o mais rápido que pôde, quase caindo ao tropeçar em dois corpos inertes no chão. A parteira, de idade avançada e coração fraco, teve um ataque e não resistiu, morrendo ali mesmo; a outra — infeliz — tinha o pescoço degolado, a cabeça presa apenas em poucos ossos e músculos. Passou apressado pelos cadáveres e entrou no quarto onde deixou o rifle, sem dar muita importância à Marta, que havia desmaiado. Queria ir atrás daquele monstro e resgatar a criança ainda viva.

Por sorte — ou precaução —, manteve um dos cavalos com a sela e todo o aparato necessário para a montaria perto da casa, amarrado numa estaca. Destravou o rifle curto e montou no animal, ignorando os empregados que apareceram, todos com armas em punho e completamente atrapalhados. Cego, queria apenas vingança.

Mais um gole; e a mente o forçou a suportar as lembranças.

Ainda sentia a chuva fraca no corpo, enquanto forçava o cavalo a correr cada vez mais rápido, buscando desesperadamente pela fera. Lembrava-se claramente de vislumbrar a coisa galgando ora próxima, ora distante; e de atirar contra ela, sem conseguir acertá-la.

A besta gargalhava, ladrava, uivava, rosnava e seguia em sua fuga, zombando do pobre coitado. O Cão Negro mantinha a postura bípede, correndo com grande habilidade, ora ou outra se apoiando na pata dianteira que estava livre, ganhando cada vez mais velocidade. Parecia se divertir com aquele jogo que durava séculos. De súbito, desviou-se do rumo que pretendia ir e se voltou com ferocidade contra o perseguidor, encarando-o com seus olhos brancos e sem vida.

O equino relinchou, cessando bruscamente o trote, contudo não chegou a derrubar o cavaleiro. Sentia um pavor sobrenatural tão intenso que estava paralisado com a visão saída de algum abismo, das entranhas de pesadelos infernais. Mal o animal de montaria deteve o passo acelerado, a criatura canina avançou voraz e cravou as presas no focinho do cavalo, enquanto as garras

penetravam as veias e artérias da garganta, dilacerando ossos. O encontro foi tão violento que a vítima caiu, derrubando seu cavaleiro — que quebrou a perna esquerda, expondo o osso da canela. Relinchou em desespero e tentou se livrar da morte em forma de cão e homem, contudo foi incapaz.

A fera, não satisfeita em degolar a presa agora agonizando, estripou-a e puxou parte das vísceras para fora com a bocarra, uivando ensandecida. Num dos braços estava o bebê, inerte num sono demoníaco, intacto, embora estivesse ali a todo o tempo, da fuga ao choque brutal da coisa e do cavalo agora morto.

Chico estava totalmente indefeso, a poucos metros da aberração maldita que sua família era obrigada a suportar desde quando era originária de algum povoado francês, muitos e muitos anos atrás. Tentou agarrar a arma, mas a voz potente, desdenhosa, cínica, cruel e sedutora do demônio o deteve.

— *Sabes bem que não poderás matar-me com armas ou encantamentos, pois estou além de qualquer artifício humano.*

O Cão aproximou-se, mastigando o coração do animal.

— *A justiça não cansa, não para, não tem medo e é impiedosa.*

— Matar crianças não é fazer justiça! — urrou o fazendeiro, em desespero.

A besta-fera gargalhou, exibindo dentes ensanguentados.

— *E quem disse que eu os matei?*

O focinho alargado do cachorro infernal encostou no rosto do homem, que sentiu o hálito fétido de sangue e corrupção.

— *Não mato crianças, apenas as poupo do sofrimento que está por vir para todos os adultos que as cercam...*

A bocarra da fera aproximou-se da orelha direita do pobre infeliz e sussurrou, em voz meiga e infantil:

— ... *papai.*

— Deus! — exclamou Chico, reconhecendo a voz. — Maria!

Ele agarrou o pescoço volumoso do demônio, na esperança idiota de conseguir enforcá-lo, mas sentiu as garras do monstro arranharem com vontade suas costas, quase atingindo os ossos. Urrou de dor e o largou.

— *Tu és o próximo!* — gritou o Cão, galgando para as trevas.

A chuva voltou a cair forte, molhando aquele homem tão infeliz, que numa única noite perdeu não apenas a esposa e os filhos recém-nascidos, mas também a filha tão querida. A dor que sentiu naquela madrugada foi apenas uma. Não a que sentiu ao ter a perna esmagada pelo peso do cavalo ou ser arranhado por garras afiadas. O que sentiu foi uma dor ainda mais intensa e mortal: a da perda.

Quando os empregados o encontraram, levaram-no para a casa; ele implorou para ver a pequena Maria, reparando nas expressões de pesar de todos ali, confirmando seu temor. Chorou ao ver a menina no estado letárgico irreversível; parecia dormir em paz, sem dor ou horror. O cão hediondo a havia levado ainda dormindo, sem usar a violência, sem que ela pudesse ver sua aparência monstruosa.

Nos dias que se seguiram, ocorreram os enterros, as demissões de todos os empregados e a ida de Marta para a casa dos parentes em São Paulo. Apenas Chico permaneceu ali, na fazenda outrora feliz, consumido pelo ódio e pelo desejo incontrolável de vingança.

O Cão não apareceu de imediato, porém sempre fazia algo sobrenatural acontecer.

Matou todo o rebanho da propriedade, fazendo-o definhir até restarem ossos e peles, mesmo sendo muito bem alimentado; quando os animais morreram, fez os cadáveres se tornarem ambulantes, levando-os para mugirem perto da casa principal, apavorando os cães, que se acovardavam debaixo de camas e mesas. Inicialmente, o fazendeiro tentou livrar-se deles descarregando os cartuchos do rifle, mas logo percebeu que era inútil. Galinhas, cavalos, patos, pavões, cabras, cachorros e gatos definharam até ossos e peles pouco depois; primeiro morreram, depois voltaram como mortos-vivos e ficaram ao redor da propriedade, formando uma orquestra infernal de mugidos, latidos, miados, cacarejos...

As plantas de toda a propriedade secaram. A água do poço logo se tornou uma densa mistura de sangue e fezes, tão fétida que obrigou o homem a ir ao rio, quilômetros de distância, para manter alguns poucos galões para ter o que beber e se lavar precariamente. Não tardou muito para que o rio começasse a ser contaminado pelos animais monstruosos, que se banhavam e jaziam por lá durante o dia, movendo-se apenas à noite, quando iam atormentar o pobre homem.

Quando o demônio começou a se fazer presente, sempre de maneira breve, ora como uma fumaça escura, ora como um homem cão negro coordenando o bando putrefato que criou sob a vontade profana. Em nenhum momento foi para perto de Chico, que queria a qualquer custo ter um encontro decisivo com ele.

Era um ritual todo fim de tarde o homem enlouquecido por tanto sofrimento se sentar na cadeira, olhar o sol desaparecer nas serras e aguardar a criatura surgir em seu passo lento e mortal. Os meses se passaram sem que nada ocorresse; apenas as malditas ações com o intuito de roubar mais e mais a sanidade do coitado. E já havia desperdiçado quase todo o dinheiro com caixas e caixas de cachaça e outras bebidas quentes, trazidas periodicamente por alguém corajoso que morava na cidade mais próxima dali; passava a noite bebendo e o dia dormindo, de ressaca;

alimentava-se mal e, assim como tudo o que antes existia vivo ali, também definhava. A higiene estava desleixada: a barba farta cobria o rosto, todas as roupas estavam imundas e muito raros se tornaram os banhos.

Os vizinhos temiam passar por perto do cemitério em que se transformou a velha fazenda, todos conhecedores dos eventos macabros que levaram à ruína um homem tão próspero. Os que por ali passavam alegavam ver a figura sombria de um cão negro e de pelos eriçados, cujo olhar era imaculadamente branco, sempre deitado à sombra de uma árvore, mas que logo desaparecia como se nunca estivesse estado ali. Quem atravessava as serras ali perto testemunhava coisas ainda mais assustadoras: gritos de almas penadas, sons de animais não pertencentes a este mundo e aparições fantasmagóricas. E era evidente de que o mal escolheu aquele ponto distante da civilização, numa pacata região, para demonstrar sua face mais perturbadora.

As sombras da noite avançavam como tentáculos monstruosos, trazendo a figura canina que tanto destruiu vidas. Atrás do animal oriundo de pesadelos infernais vinha a corja de mortos-vivos — cavalos, bois, bodes, galinhas, gatos e cães —, todos produzindo um som quase ensurdecedor. Os passos eram firmes, o olhar alvo rasgava o ar como fogo.

Chico secou o copo quase cheio e respirou fundo.

Enfim teria o último encontro com a besta.

O menino lobo

Local desconhecido, Brasil, 1999.

Desde criança havia duas coisas que o divertiam e agradavam: ter a companhia dos cães e ver acidentes horríveis. Enquanto a maioria das crianças se contentava com desenhos e filmes da Disney, ele preferia testemunhar a desgraça humana, o sofrimento, o sangue jorrando, a carne e os ossos expostos como num açougue, a vida por um fio; enxergava poesia e filosofia nos cadáveres, de qualquer natureza, ainda que nada entendesse sobre a vida ou a morte. Era apenas admiração. Mas, se o sofrimento fosse o de um cachorro, era como se a dor fosse dele também. E isso o atormentava. Um animal canino era muito mais próximo a ele do que as famílias que o adotaram ao longo dos anos e o devolveram, sob diversas alegações.

Aos onze anos, uma sequência de episódios teve início, marcando-o para sempre. Um dos órfãos, um ano mais novo do que ele, maltratou um filhote da raça *pitbull*. Irritado, bateu no colega por longos minutos até que os nós dos dedos ficassem tão esfolados quanto a pele do rosto do menino. Não o matou porque foi agarrado por três homens, que nunca viram uma criança tão forte quanto ele, contudo cirurgias seriam necessárias, nos anos seguintes, para amenizar as deformações que o maldito carregaria na cara

Devido ao incidente, passou por alguns psiquiatras, que fizeram inúmeros testes e o diagnosticaram com desvios de conduta e personalidade; um deles afirmou que, se o garoto continuasse agindo de forma violenta e insensível, tornar-se-ia um psicopata dos mais perigosos. Agressivo, rasgou a garganta de uma freira quando ela chutou devagar um filhote que urinou em seu sapato enquanto ela cuidava do jardim; não usou nenhuma arma. Foi a primeira vez que bebeu sangue — e gostou do gosto. E por isso foi internado numa instituição psiquiátrica, pois balbuciou algo sobre cães negros e demônios de olhos brancos, a boca cheia de saliva e sangue. Isso o fez odiar ainda mais a raça humana, a desejar sangue e morte alheia. Não tinha nem doze quando deixou o orfanato para trás.

Poucos meses se passaram sem ocorrências e alterações; e os psiquiatras estavam animados com os progressos obtidos com ele. A criança era agora um pré-adolescente que sempre buscava a solidão, exceto quando mantinha contato com os cães sarnentos que apareciam ora ou outra no portão da clínica ou no parque; com o tempo, o animal mais frequente era um de pelos negros, magrelo e esquisito, que nunca erguia a cabeça e parecia moribundo. Fugir era algo que até então ele não cogitava fazer, afinal estava num lugar perto da natureza, onde sempre um

cachorro saía e vinha fazer companhia, e com pessoas que também foram excluídas da sociedade por algum motivo, todas de naturezas diferentes, assim como ele.

A tranquilidade, contudo, não duraria muito tempo.

Uma cadela prenhe passeava pelo pátio, já no final de tarde, aproveitando a sombra de uma árvore ou outra para descansar. Os pacientes começavam a ir para os quartos, mas o jovem resolveu aproximar-se do animal, como sempre fazia. Queria ter certeza de que estava tudo bem, se a gestação seria saudável e os filhotes nasceriam fortes; bastava tocar a barriga da criatura para ter essa certeza — era um dos dons que tinha e não compreendia, porém não questionava, e sim aceitava, pois o tornava especial.

Um dos enfermeiros chutou a cabeça do animal, que era de porte pequeno, com toda a força que dispôs, fazendo-a latir de dor, enquanto o sangue escorria pela boca e um dos fetos saía pelo orifício, coberto de sangue. Apavorada, o corpo da coitada provocou uma reação instantânea: abortar. E a fúria se encarregou de causar uma segunda consequência: o garoto avançou em direção do agressor de criaturas indefesas e o agarrou pelo pescoço, fazendo o homem, que era mais alto do que ele, cair de joelhos. Uma força descomunal dominava o interno, que apertou e fraturou os ossos sob forte pressão, sufocando a vítima, que se debatia e implorava socorro num tom de voz engasgado, já babando sangue.

Quatro enfermeiros tentaram separá-lo do pobre coitado, mas foi em vão. Era como se o adolescente estivesse possuído pelo demônio. Sem alternativas, socaram e chutaram seu corpo franzino, na esperança de conseguir sucesso, entretanto só fez piorar a situação. E a noite de lua cheia surgia para batizar a fera que nascia.

O corpo do jovem se contorceu, enquanto vários ossos eram estalados e deslocados, para que pudessem crescer e se ajeitar na forma monstruosa que assumiria; todo o processo provocava dores inimagináveis, um crescimento absurdo de massa muscular e pelos acinzentados e espessos pelo corpo. Embora sentisse muita angústia, ele se manteve firme, sem soltar o enfermeiro e resistindo aos golpes violentos que recebia dos outros funcionários da clínica; o olhar apavorado da primeira vítima da fera que surgia era um prazer novo, melhor do que ser apenas testemunha do sofrimento humano. A cabeça se modificou um pouco, formando um focinho semelhante ao de um cão ou lobo, embora curto, um híbrido humano-animal. Quando a metamorfose foi concluída, era uma criatura robusta, maior do que um ser humano adulto padrão, com mãos grandes e de garras afiadas e enegrecidas; os pés assumiram um aspecto lupino, embora preservando os cinco dedos — o dedão era o mais destacado de todos, enquanto os demais eram deformados.

O pânico foi geral.

O menino lobo havia estraçalhado o pescoço do enfermeiro apenas com a pressão dos dedos, fazendo a cabeça do pobre homem pender pro lado, sob os olhos incrédulos e hesitantes dos outros. Antes, enquanto o garoto se transformava, eles poderiam ter tentado fugir; agora, deveriam lutar ou aceitar o destino cruel que lhes era reservado.

Largando a vítima abatida, o lobisomem avançou sobre a vítima mais próxima, que ainda ensaiou um movimento para escapar; abocanhou o ombro esquerdo, fraturando ossos com extrema facilidade até desprender o braço, que caiu num terrível ângulo. Largando o infeliz gritando e tentando repor o membro destroçado no lugar, enquanto sangrava em abundância, o predador supremo pulou sobre um homem que já alcançava o portão que dava acesso ao jardim da instituição, derrubando-o com agressividade e pressionando sua cabeça contra o piso até espalhar uma massa vermelha e branca pelo chão, sob o som de algo eclodindo devido à pressão.

A fera ergueu-se sobre as duas patas traseiras, exibindo o corpo animalesco, impondo-se com os mais de dois metros de altura, uivando e babando, totalmente ensandecido. Farejou o pânico de todas as pessoas ainda vivas, as pessoas sãs e as dementes, saboreando uma sensação nova: liberdade plena e absoluta. E, naquela noite, libertaria toda a sua fúria em cada um que estava ali, independente se um dia foi colega de tratamento ou não.

Quando concluiu o massacre, estava coberto de vísceras, sangue e poeira; o corpo estava ferido e dolorido, contudo aquilo não o incomodou como deveria. Olhando os corredores cheios de cadáveres, todos desmembrados e estripados, sentiu orgulho do que fez; emitiu um rosnado ritmado, que seria como uma risada insana, se estivesse na forma humana. Mas o deleite durou pouco. Havia *algo* ali, encarando-o há bastante tempo, porém só agora se fazendo visível; e era uma figura familiar, ainda que o visse pela primeira vez. Por um instante, cogitou se aquilo tudo não era um dos sonhos estranhos que costumava ter, como aquele em que corria ao lado de um cão negro e enorme, enquanto era perseguido por um homem montado num cavalo e de aparência esquelética.

Ele se curvou, prestando respeito e servidão ao Cão, reconhecendo-o como seu mestre, a quem acompanharia e obedeceria nos anos que viriam; compreendia, como poucos de sua linhagem, a motivação do espírito vingativo. Sua mente lupina permitia que enxergasse muito além do que a imaginação humana; sentia as inquietações do suposto demônio, as emoções pulsantes mesmo após séculos de vingança e as lembranças de um passado que foi destruído por fogo.

Na manhã seguinte, o menino vomitou pedaços mal digeridos de carne e ossos; não havia remorso quanto aos homens e garotos que matou, e sim o estômago humano não estava ainda habituado ao canibalismo. O Cão o olhou, deitado sob a sombra de uma árvore.

Estavam numa margem do rio, bem longe da cidade. Para chegarem até ali, já de madrugada, passaram por uma fazenda, onde alguns cães se amedrontaram tanto que nenhum sobreviveu para ver o dia nascer, e um cemitério, local que o mestre adentrou e despertou um morto, exigindo uma série de informações preciosas para os passos seguintes em seu plano.

Após se lavar e vomitar o que podia, o garoto se sentou ao lado do espírito canino, que indicou uma mangueira que crescia ali perto. Levantando-se, agradeceu e correu para lá, trepando com facilidade na árvore e recolhendo algumas frutas grandes e suculentas; desceu rapidamente, sem dificuldades, e voltou para perto do Cão com quatro mangas. Descascou com os dentes e chupou com ferocidade, olhando as águas correntes e o outro lado do rio, onde uma mata densa se fazia presente. Sabia que em breve iriam naquela direção, visitando as cidades, aguardando o ano adequado para iniciarem os trabalhos finais arquitetados há treze anos pelo mestre.

Contemplou o animal fantasmagórico. Protegido dos raios solares, seu corpo vez ou outra parecia se mesclar com a sombra da árvore, transitando entre o estado sólido e o gasoso. Recordava-se que, à noite, ele se assemelhava mais à fumaça de um incêndio. E não aparentava ser uma entidade perigosa — como de fato era —, e sim um animal dócil — como de fato fora.

No passado, Cão era Ortros, o mastim de uma jovem camponesa cuja beleza não tardou a despertar a paixão de um filho de um proprietário de terras. Na época, a Fera de Gévaudan provocava o medo nos franceses com seus ataques que desafiavam a lógica natural; ninguém sabia se era homem, lobo ou demônio, o que intensificava o clima de desconfiança. E não foi complicado um grupo que resistia ao fim da Inquisição chegar lá e prender a garota solitária, que não cultuava a divindade cristã, sob acusação de fornicar com o Diabo e trazer a Fera para aquelas terras. Depois de queimá-la e criá-lo, o rei exigiu que todos os arquivos fossem apagados e vozes silenciadas; alguns poucos exemplos bastaram para que nem os sussurros sobre os episódios envolvendo a bruxa fossem ouvidos. Sobretudo porque a matança continuou por mais algum tempo, chamando mais a atenção do que o macabro ocorrido que vitimou inquisidores, soldados e vilões.

Cão esperou algum tempo para iniciar seu plano, perseguindo a linhagem do mentiroso e a afastando pouco a pouco dali, conduzindo-a a países diversos, ajudando os descendentes a prosperarem e depois falirem até a loucura. Provocou o

suicídio do francês, após fazê-lo perder acordos comerciais em diversas tentativas frustradas e o assassinato jamais solucionado da esposa e do filho recém-nascido — o espírito havia trocado o bebê pouco depois de nascer, sem que nunca ninguém notasse. Distanciando os filhos e netos da primeira vítima direta, foi brincando com destinos e vidas, inclusive de seres humanos que nada tinham a ver com a sina. O último infeliz a morrer sob o olhar vazio do cachorro maldito tinha o mesmo sangue e a mesma carne que o garoto, portanto, quando fosse a hora, a morte viria igualmente para a nova geração de amaldiçoados.

Ciente de que não era mais do que um instrumento, o menino lobo seguiu o mestre nos anos seguintes; nunca soube claramente, contudo, quais seriam os próximos passos e tampouco sabia para onde o fantasma ia quando desaparecia por dias ou semanas. Sua obediência era recompensada sempre: nas noites de lua cheia, por exemplo, podia correr livre pelas matas, cidadelas e cemitérios, caçando desavisados, homens e animais, ou profanando túmulos; em algumas ocasiões, Cão o acompanhava também, assumindo a forma de lobisomem, embora mais horrendo, animalesco, corpo esguio demais, quase cadavérico, e despertando os mortos, que clamavam para que fossem devolvidos ao sono eterno, muitos deles incapazes de suportar as lamentações que pesavam em suas consciências pós-mortes.

Quando adulto, ele e o espírito vingativo foram para o Oeste da Bahia, onde deram início ao que seria a última etapa do plano: criar uma lenda urbana forte, chamar a atenção de todos para que o símbolo sobrevivesse na memória tempo o bastante para a chegada da última peça do quebra-cabeças: uma jovem que tinha não apenas a mesma idade que o lobisomem, como também o mesmo sangue — e terrível destino.

O lunático

Local desconhecido, Brasil, 2010.

O recepcionista observava a mulher que preenchia a ficha de hospedagem, e, mesmo tentando ser discreto, era impossível disfarçar o encanto diante de tanta beleza. Longos cabelos negros, que reluziam um brilho quase azulado. Possuía uma pele alva, com algumas pintinhas negras. Os olhos castanho-escuros tinham um brilho quase enegrecido, enigmático e intenso.

— Bom parar de me olhar, garoto! — pediu ela, sorrindo levemente, sem fitá-lo.

O rapaz ficou sem jeito, incapaz de esboçar uma reação melhor do que forçar um sorriso e fazer algo no balcão.

“Adolescentes!”, pensou a nova hóspede, terminando de preencher o formulário.

Dias antes, ela era uma investigadora em busca de uma oportunidade para se destacar. Ninguém na delegacia entendia seu fascínio pela área de assassinos em série, doenças mentais e psicopatas, embora fossem ligadas, de maneira breve, na maioria dos casos, à criminalística. Em tempos mais remotos, quando cursava Direito, era admiradora dos casos sobrenaturais que ocorreram pelo mundo, de acusações de satanismo aos ritos de magia negra comprovados; assombrava-se com a crueldade humana, perdendo de vez toda a pouca inocência que possuía a respeito da natureza do ser humano. Quantos casos macabros havia no mundo! Durante milênios, em todos os lugares do planeta, os homens criaram demônios e monstros para justificarem seus atos de barbárie incontrolável. Vampiros, lobisomens, bruxos, demônios, ogros, fantasmas... cada entidade sobrenatural servia como bode expiatório para as ações desumanas, como estupros, assassinatos, canibalismos, roubos, histerias...

Claro que havia casos que fugiam de toda e qualquer lógica e raciocínio frio, comprovando que existia algo além do que a imaginação humana poderia deduzir. E eram esses pontos que levaram a jovem ambiciosa para aquela cidade interiorana, que malmente aparecia em mapas ou era lembrada.

— Acompanhe-me, por favor, senhora! — pediu outro funcionário do hotel, já com as malas da mulher nas mãos.

A investigadora sorriu.

“Senhora.”

Com pouco mais que vinte e cinco anos, ela era muito bem-sucedida. De família rica o suficiente para bancar seus estudos em níveis exorbitantes, começou desde cedo, concluindo a faculdade quase na mesma idade em que outros estariam, na verdade, decidindo quais cursos poderiam ou queriam fazer. Aprendeu rapidamente inglês, francês, espanhol, italiano e alemão, viajando pela Europa, estudando e saciando seu desejo por conhecimento. Recordava-se de ter tido poucos envolvidos amorosos. Não era nada muito sério e que valesse a pena ser listado em uma autobiografia, caso um dia escrevesse uma. Era incapaz de determinar se sentira, em algum momento, algo que merecesse o nome de “amor”; era tudo uma paixão, um desejo que a fazia querer e agir com fervor, sem medir muito as consequências. Sexo: era este o termo ideal para resumir todos os relacionamentos que manteve durante os últimos oito ou nove anos; e não se envergonhava disso.

Focada em ter brilho próprio, não depender apenas da fortuna que herdaria, seguiu seus sonhos e objetivos, lutando muito para chegar ali, para conseguir aquele caso tão instigante; e que mudaria para sempre a forma como os colegas a viam, afinal ninguém levava a sério aqueles casos inexplicáveis envolvendo forças ocultas, ainda mais no Brasil — apesar de todos os aspectos religiosos e crenças que moldavam o país.

O funcionário mostrou o quarto e se retirou, dizendo que estaria inteiramente disponível se ela precisasse — obviamente uma cantada descarada, sobretudo por olhar o decote da policial, ficando todo atrapalhado quando flagrado.

Sozinha no aposento, Paula sentou-se na cama, pensativa. Estava cansada da viagem. Horas e horas de carro, seguindo por estradas em sua maioria ruins, esburacadas, alguns trechos perigosos. Evitara trafegar durante o dia, o que seria mais aconselhável, dormindo ou pesquisando os relatórios e arquivos dos estranhos acontecimentos ocorrido tanto na cidade em que estava quanto nas que visitavam vizinhas. Dormia pouco, um hábito adquirido nos tempos de faculdade, quando precisava economizar tempo para estudar e fazer o estágio necessário para ganhar pontos em algumas matérias.

Nada naquele caso peculiar fazia muito sentido.

Lera inúmeras vezes tudo o que lhe fora entregue, buscando entender um pouco das pistas que deveria seguir. Ataques de um *serial killer*, de alguém que acreditava sofrer de licantropia ou que usava um animal canino ou lupino grande para atacar suas vítimas, matando-as de maneira brutal. As pessoas mais supersticiosas atribuíam a um lobisomem, crença tola demais para se ter como teoria séria em pleno século XXI. A polícia, talvez pressionada pela população e pela repercussão dos crimes, além dos relatos macabros envolvendo rituais de

magia negra em cemitérios, fez um esforço descomunal para localizar suspeitos, chegando até um homem: Marcos Antônio Pereira da Silva.

Pelo que se sabia da vida desse homem, ele fora adotado na pequena cidade de Varginha, onde cresceu e viveu até os dezoito anos, tendo boa educação e usufruindo de uma riqueza moderada, contudo o bastante para se formar em História, em São Paulo. A seguir, com a morte dos pais adotivos, num acidente de carro, gastou toda a herança deixada e desapareceu, até ressurgir numa cidade próxima dali.

Era uma manhã chuvosa, e o padre se preparava para a missa dominical. Seu pensamento estava voltado para os acontecimentos que se atribuíam a demônios cuja missão da Igreja, em tempos remotos, era combater; exorcismos, tribunais para julgarem tais crimes contra a fé cristã, perseguições e guerras santas foram meios de garantir ao mundo uma chance de suportar a tentação de Satanás, e ainda assim ecoavam resquícios demoníacos, casos de barbáries contra a vida, a moral e a humanidade. Era evidente que não tardaria para o Juízo Final.

Ele havia acompanhado todos os preparativos e fora para o altar, fazendo o sinal da cruz, quando um homem surgira nu e ensanguentado, urrando palavras desconhecidas, derrubando as estatuetas de diversos santos. Tinha os olhos castanho-avermelhados arregalados, num transe medonho; e todo o corpo estremecia, quase num estado convulsivo, parecendo sofrer algum ataque nervoso, embora estivesse forte o bastante para não apenas quebrar os objetos sagrados como também agarrar o sacerdote pelo pescoço e pressioná-lo contra a parede, rangendo os dentes como um animal selvagem.

Três homens avançaram contra o agressor do padre, que esperneava e gritava por ajuda, entretanto nenhum deles conseguira afastá-lo do pobre sacerdote de cabelos grisalhos. Um deles golpeou com força suas costas com um castiçal, mas apenas o irritara ainda mais, fazendo-o apertar suas mãos em torno da garganta da vítima, que se debatia, arfando com dificuldade.

Algumas das pessoas que se aproximaram devido ao barulho da luta para separar o homem do padre gritaram por socorro ou foram acudir o infeliz; socos, chutes e golpes com Bíblias, empurrões e puxões de roupas e cabelos foram distribuídos para todos os lados, enquanto pouco efeito surgia.

Se não fosse um policial civil, que adentrou a igreja correndo e aplicou cacetadas no agressor, atingindo-o na cabeça e nas costelas, o sacerdote teria morrido ali mesmo, sob o aperto violento daquele homem de força descomunal.

E assim pareceu se descobrir o mais provável suspeito de atacar as pessoas, criando a lenda urbana do Lobo que assolava a região há algum tempo. As provas

eram muitas, sendo impossível se tratar apenas de coincidências, como criam inicialmente.

Marcos, como dissera se chamar, depois de acordar com dores pelo corpo, além de uma ânsia de vômito, havia estado em todas as cidades em que algo inexplicável ocorrera. Em Varginha, o aparecimento de uma criatura peluda que se alimentava de animais, uma fera que ganhou a alcunha de Vampiro de Varginha, tendo muito em comum com o lendário chupa cabras. Na capital paulista, onde estudara, alguns cemitérios foram violados e corpos de mendigos e drogados foram mutilados de forma bizarra. E ele também passara pela cidade vizinha, justamente no período em que ocorrera os boatos sobre o enorme animal conhecido vulgarmente como “Lobo Urbano” e o esquisito aparecimento de corpos esfolados num cemitério, no qual, vídeos ainda mais medonhos circulavam pela Internet.

Por isso o caso fora entregue a Paula, afinal era tão fascinada por esse tipo de assunto voltado ao macabro, ao sobrenatural, que não demorou muito para ser encontrada e chamada, numa tentativa desesperada de estudar e compreender aquela mente confusa, que antes fora examinada por especialistas vindos de inúmeros lugares — e todos falharam miseravelmente. Era perfeito! Jovem e em busca de uma carreira de destaque, investigar crimes atribuídos a um louco que falava sobre cães, rituais, lobisomens e demônios era a oportunidade ideal; mesmo se falhasse ou descobrisse qualquer coisa a respeito, ela seria reconhecida por ter desvendado parte ou toda a charada.

Nunca entendera, claro, como seu chefe soubera do assunto direito, embora ele tenha dito que recebera um telefonema de alguém do alto escalão governamental, exigindo a presença de um investigador capaz de obter resposta. A lista era até grande, mas um a um se mostrou incapaz de assumir o caso, pois ou adoecera ou sofrera algum acidente, ou ainda se envolvera em alguma coisa que impossibilitou tomar a frente do problema. E assim ela ganhara.

— Cães negros... — sussurrou a investigadora, enquanto deixava a água cair sobre o corpo tão bem desenhado, de curvas perfeitas, de beleza ímpar.

Recordava-se de ter pesadelos com figuras caninas que surgiam de cantos da casa em que morava; pareciam sombras vindas de lugares infernais, com as bocas abertas, chamando por seu nome, cantarolando versos em francês, avisando que em breve algo aconteceria. Era comum ela acordar gritando e chorando, em grande desespero, apontando para algum canto, onde, para sua visão desperta do mundo dos sonhos, havia aquela imagem demoníaca.

Fechou os olhos e tentou afastar o medo infantil. Não havia sentido em se sentir incomodada diante de um animal de pelagem escura só por causa de uma série de pesadelos que tinha quando menina.

Deixou a água cair, tentando, por alguns momentos, pensar em qualquer coisa, menos em fantasmas do passado, demônios oníricos e enigmas que invadiam sua mente quando se deparara com as descrições de tudo o que ocorrera naquela região, antes mesmo de ela ser chamada para tentar solucionar os crimes, ao ver um telejornal anunciar alguma coisa.

Sentiu uma tranquilidade impressionante. Era tudo o que precisava.

Apenas o som do chuveiro, o líquido morno em sua pele alva, escorrendo sem pudor, o tempo correr a bel-prazer. Ouvia seu coração bater devagar, a respiração suave, os lábios entreabertos, às vezes bebendo um pouco da água.

Tudo o que precisava era apenas descansar. Por horas. Sem se preocupar com mais nada, com ninguém. Visitaria o suspeito pela tarde, se fosse o caso. Necessitava de um tempo para si.

O clima na cidade era um pouco estranho. Durante a manhã apenas chovera fino por horas e horas, aumentando a preguiça de Paula, que não se levantou da cama, cochilando ora ou outra enquanto acompanhava alguma coisa que passava na programação televisiva local. Era uma sensação gostosa, sobretudo para alguém que passava praticamente todos os dias da semana agitada, ajeitando papéis, lendo e elaborando relatórios, indo a algum lugar fazer algo que acabava deixando para a última hora. Vivia numa correria infernal longe dali, e seu corpo passava a maior parte do tempo estressado, fadigado, exigindo dela um tempo para se recuperar, e isso quase nunca acontecia.

Era bom respirar um ar menos poluído, viver num ambiente menor do que as metrópoles que frequentara pelo mundo. Era interessante olhar pela janela, quando se levantara apenas para ir ao banheiro, as ruas diversas, algumas asfaltadas, outras não. As nuvens acinzentadas davam um clima melancólico, de que ali, naquela cidade, pairava uma aura que conservava um pouco do misticismo brasileiro, da cultura, da vida em sua simplicidade absoluta, apesar de contrastar com a indústria que crescia num ritmo acelerado, dos bairros que se multiplicavam não apenas em quantidade, mas também em tamanho.

Perdeu-se na admiração daquela paisagem urbana e com retoques de atraso.

Não soube precisar quanto tempo ficara enrolada nos lençóis e coberta, com o olhar fixo no horizonte, distante da realidade. Suspirou sem motivo. As gotas de chuva batiam no vidro e serpenteavam com graça, tornando tudo ainda mais poético, mais encantador. Encostou-se na parede, sem se aborrecer com o frio que fazia.

Apenas voltou a si quando o celular tocou, assustando-a.

— Alô? — atendeu, após se recuperar do espanto e correr até a cama, pegando o aparelho sobre o criado-mudo.

Havia acontecido outro crime hediondo.

O Lobo tornara a atacar.

A ponte não aparentava ser muito atrativa quando a investigadora a analisara. De aspecto horroroso, com as estruturas rachadas, cobertas de musgos, as pedras e as treliças expostas. Era evidente que o risco de se banhar no rio era grande, principalmente para quem se atrevia atravessar uma margem a outra perto da ponte feiosa, onde a correnteza era forte o suficiente para arrastar um homem ou as ferragens e pedras, que criavam vãos, poderiam prender os pés e pernas de alguém.

— O pessoal aqui chama este rio de “Rio das Putas” — explicou o policial, enquanto ela se voltava para a cena dos assassinatos.

— Algum motivo em particular?

— Prostitutas. Muitas vêm para cá fazer programas, ainda mais em finais de semana. É uma das atrações gratuitas da cidade. Não é muito difícil encontrar locais em que as pessoas usam para...

— Já entendi — cortou Paula, dedicando-se a analisar os cortes na perna esquerda de uma das vítimas do criminoso.

Mordidas de algum animal grande e feroz, como apontavam os relatórios.

— Além da fama de prostíbulo a céu aberto, há algo mais que eu devo sobre este lugar? — questionou, sem fitar o homem careca que a acompanhara até ali.

— Alguns criminosos usam as margens do rio para execuções... e há quem acredite que os espíritos de quem morreu esteja assombrando o rio, sabe? Atraindo pessoas a morrerem aqui...

— Interessante.

Não apenas bandidos faziam tal prática, como também alguns grupos de extermínio e policiais mais radicais, segundo alguns moradores que se atreviam a falar mais do que podiam e deviam.

— A chuva apagou a maioria das pegadas — principiou a mulher, tocando o solo com a mão enluvada —, mas é possível notar pés humanos, embora assumam um padrão de dedos alongados, como se possuíssem garras longas.

— Um lobisomem, é o que sugere, investigadora? — deduziu o policial.

— Alguém que quer que acreditemos nisso.

— Não há rastros de nenhum cão por aqui, além dos das vítimas e do assassino, que deveria estar descalço e ter uma mordida potente o suficiente para

arrancar braços e pernas, abrir crateras no pescoço... sem mencionar que era muito forte para abrir o peito de um deles e arrancar o coração.

Aquilo era intrigante.

Observando os quatro corpos mutilados e espalhados pela margem lamacenta, o que poderia ser suposto se curvava para o fantástico: o assassino surgira da mata, avançando sobre um dos homens, num ímpeto tão furioso que lhe permitiu quebrar o pescoço do infeliz e arrancar uma porção generosa de ossos, artérias e veias; houve disparos, afinal havia cartuchos de pistolas ali, mas, ainda assim, o agressor não se intimidou e atacou o segundo, quebrando-lhe o braço que portava a arma, e surrou o seguinte com tanta violência que afundou a caixa torácica. E o quarto fora torturado de forma brutal, tendo os olhos vazados, as pernas arrancadas e parte da barriga rasgada.

Como uma pessoa teria realizado uma façanha como aquela, atacando quatro bandidos armados, esquartejando-os e retirando partes de seus corpos, e sem ser atingido com os disparos? E que força descomunal era aquela que possibilitava a um homem mutilar um semelhante e devorar parte de seus órgãos? Que doença mental, que distúrbio de personalidade era capaz de provocar crueldade e selvageria tão acima do comum a um licantropo ou ao mais frio dos matadores?

— Nenhuma testemunha? — indagou Paula, levantando-se e retirando a luva que usava na mão esquerda. — Ninguém viu ou ouviu nada estranho pela madrugada ou pela manhã?

— Até o momento, apenas aquela senhora que achou o corpo quando passava por uma trilha ao lado.

Como as mortes ocorreram na curva do percurso do rio, era difícil notar os corpos espalhados sem que parasse e andasse um pouco para frente, afastando-se da ponte que passava por cima daquelas águas turbulentas. As árvores, de aspecto ainda mais sinistro do que a construção que ora ou outra prendia alguém para que morresse afogado, complicavam a visão do cenário.

— Eles faziam alguma coisa aqui — disse a investigadora, olhando para os cadáveres destroçados. — Fumavam, fugiam, planejavam alguma coisa... Você mesmo disse que eram ladrões, não?

— Sim, eram.

O tempo ainda estava nublado, porém não havia sinal de que choveria por ora.

— Os corpos serão levados para o IML, certo? — perguntou a investigadora, arfando, depois de pensar em alguma coisa.

— Sim.

— Preciso que me informem quando os resultados chegarem, se não for inconveniente.

— Não será, afinal disseram que deveríamos atendê-la no que mandasse.

Aquela autoridade que possuía sobre a polícia local a incomodava.

— Se o tal Lobo atacou e o suspeito está preso ainda, creio que possamos descartá-lo da lista — falou, mais para si do que para o homem que a acompanhava. — Mas, ainda assim, acho bom ter uma conversa com ele a respeito de alguns assuntos...

Ela olhou mais uma vez para aquela ponte esquisita, sentindo um calafrio. Como podia algo tal banal lhe provocar aquela sensação estranha?

— Bem, é melhor irmos ver o suspeito — disse, por fim, dirigindo-se ao policial.

Marcos encarou a mulher com curiosidade. Mais parecia um animal do que um ser humano. Os cabelos negros estavam grandes, descuidados e sujos, a pele marcada por cicatrizes e hematomas da surra que recebera no domingo em que atacara o padre. Mas, ainda assim, conservava um pouco de traços gentis; apenas o olhar sério, firme e de brilho misterioso atestava contra a aparente normalidade.

Ambos estavam frente a frente, numa sala preparada para o interrogatório. Era um espaço pequeno, nada complicado, nada que parecesse com algo que era visto em filmes; apenas uma sala pequena, com uma mesa de madeira quadrada e duas cadeiras. Seis policiais ficaram do lado de fora, com fuzis, pistolas e cassetetes em punho, prontos para qualquer emergência.

Paula havia trazido dois copos plásticos e transparentes com café, entregando um ao homem de pele levemente morena, que apenas a olhava.

— Marcos Antônio Pereira da Silva — começou ela, após um beberico no chá fumegante. — Você não é daqui, é?

— Você também não, moça.

— Você veio de longe, pelo que sabemos. Hospedou-se num hotel barato, perambulou por aí até ser encontrado quase matando um padre. Por quê?

— Em primeiro lugar, moça, eu não queria matá-lo. E em segundo, o que fiz ou deixei de fazer não é de sua conta.

A investigadora sorriu, bebendo um pouco do café. Aquele comportamento da parte do suspeito era esperado de alguém que torrou toda a herança e passou a vagar como um eremita, um andarilho pelas cidades.

— Então, presumo que não saberei o motivo de estar ensanguentado, certo? — questionou a mulher, não querendo desistir tão cedo de obter alguma informação.

— Desculpa, mas há forças as quais você não está preparada para conhecer, forças que sondam a sua alma, que vai até o seu íntimo e traz à tona todos os seus desejos e medos. Realmente, se ama sua vida, você não gostaria de conhecê-las — respondeu Marcos, mantendo a calma, enquanto seus olhos fitavam os de Paula.

— Fala de magia negra? Alguma seita satânica?

O homem gargalhou de maneira assustadora, e dois policiais adentraram com as armas em punho. Recuaram ao sinal da investigadora. Estava tudo bem.

— Qual é o seu nome, moça?

— Paula.

— Pois bem, Paula, pelo que ouvi na rádio hoje, aquela coisa que todo mundo achava ser eu atacou de novo, certo? Ou seja, a menos que alguém aqui tenha qualquer acusação contra mim, exceto a de atacar um pobre padre quando acometido de um estado de alucinação devido a um fato que não diz respeito a você, eu devo ser liberado daqui a pouco ou mandado para alguma clínica, pois, como também pode ver, estou ferido.

A eloquência dele era considerável. Era racional, um pouco dissimulado. Seria um psicopata?

— Você disse algo sobre cães negros... — começava ela.

— Não sobre cães negros, mas sobre o Cão Negro — corrigiu Marcos, cerrando os punhos sobre a mesa, sentindo as algemas nos pulsos.

A espinha dorsal de Paula pareceu congelar, enquanto um arrepio incômodo percorreu seu corpo inteiro, paralisando-a.

— Um demônio, Paula, um demônio cuja única diversão é matar e trazer sofrimento, causar a loucura naqueles que cruzam o seu caminho — prosseguiu ele, ciente da reação da interrogadora. — Ele oferece riquezas, fortunas, tudo o que você mais anseia, mas nada é real. Eu confiei nele e...

— E...?

— Moça, se ama sua sanidade, aconselho a sair o quanto antes da cidade, a abandonar o caso!

— Eu...

— Ouça-me e acredite quando digo que a coisa que matou aqueles quatro criminosos é apenas mais um dos fantoches daquilo que agora me quer.

— O Cão Negro?

O suspeito não respondeu. Bebeu toda o café com um gole apenas e se levantou, retirando-se da sala, entretanto parou no limiar da porta e se voltou para trás, olhando para aquela bela mulher que estava confusa com as respostas esquisitas.

— Paula, vai por mim, você enlouqueceria se soubesse uma parcela do que sei e do que vi — concluiu, arfando, desviando o olhar como uma forma de distanciar de si os fantasmas de sua vida tortuosa.

A noite se aproximava. As nuvens densas e baixas eram o prelúdio de mais chuva na cidade.

Paula estava cansada, e os pensamentos mantinham-se voltados para o suspeito. Quando viu as fotografias, anexadas no relatório do caso, sentiu algo nele, uma sensação de familiaridade. E estar diante daquele homem só fez a inquietação aumentar. Ao mesmo tempo em que ele se comportava como um louco, havia uma racionalidade que assombrava. Ou não era o criminoso ou tinha um cúmplice, alguém que cometeria os mesmos crimes que ele, o que o faria ser solto por falta de provas, após alguns dias, se ninguém pagasse a fiança antes; e responderia à agressão em liberdade.

Recordou-se do que ele falara sobre a entidade denominada Cão Negro. Arrepiou-se. Algo naquele nome a deixava nervosa, evocava lembranças que queria esquecer, trazia imagens de acontecimentos que ela sabia que não pertenciam a nada que viveu ou sonhou, contudo estavam ali, pulsando e clamando por liberdade.

Havia começado quando se mudou para a França, nos meses dedicados ao estudo do idioma francês. Jovem e ainda sonhadora, conheceu um belo rapaz e teve um namoro que começou bem e feliz, porém foi se tornando, dia após dia, um pesadelo. Detestava reviver o relacionamento abusivo, o toque indesejado, as carícias em lugares públicos... Dali surgiram duas coisas: a certeza sobre o lado mais doentio da mente humana, que culminou na escolha da carreira, e uma sequência de imagens estranhas e desconexas envolvendo cães enormes, fogo e homens histéricos.

Numa noite, após acordar apavorada, um nome veio à mente: Gévaudan.

Sem conseguir dormir, recorreu a um dos livros que comprara numa livraria em Paris e, após algumas folheadas, encontrou o que o nome da região despertava: a Fera, uma criatura desconhecida e assustadora que aterrorizou Gévaudan e Vivarais por muito tempo. Nunca ficou esclarecido qual animal matou dezenas de pessoas, embora as versões oficiais atribuíssem os ataques violentos a dois lobos,

ambos caçados e mortos. As teorias mais excêntricas creditavam a matança a um *loup-garou*, um lobisomem, o que explicaria a dificuldade em capturar a Fera, que demonstrava inteligência quase humana, uma vez que escapava das armadilhas feitas para ela.

Um calafrio percorreu a espinha dorsal de Paula, fazendo-a parar o carro ao lado da calçada. Apesar da paixão pelos mistérios e teorias mais extravagantes, conseguia explicar muita coisa em cima da razão e deixava em suspenso aquilo que lhe fugia a compreensão; às vezes queria acreditar no sobrenatural, na existência de forças que não pertenciam ao mundo natural, entretanto jamais se deparou com nada que sustentasse a crença. Ao receber a notícia, duas semanas depois de voltar da França e se livrar do namoro abusivo, da morte bizarra do ex-namorado, não questionou as circunstâncias... até aquele instante do calafrio.

A Fera de Gévaudan. O Cão Negro. O Lobo Urbano. Marcos. O assassinato brutal de um jovem francês, cujo corpo foi encontrado destroçado numa ferrovia. E ela, Paula, de alguma maneira, sentia-se ligada a todos esses elementos, embora muitos deles não parecessem ter a menor ligação um com o outro. Era uma convicção esquisita, tão firme e absoluta quanto tudo o que fizera na vida.

A chuva começou a cair forte.

A mulher permanecia em transe, perdida em pensamentos e imagens que revelavam um quadro peculiar.

Certa vez, por curiosidade, lera sobre um fazendeiro que fora achado sentado numa cadeira, com um rifle carregado nas mãos. Ele havia morrido por inanição, embora na casa houvesse bastante comida e água potável. O pobre coitado apenas se sentou na varanda e permaneceu lá, até morrer, como se esperasse alguma coisa ou não quisesse sair dali por medo do que poderia lhe acontecer. A lembrança surgiu porque um detalhe era similar ao caso em que estava metida: alguns dos vaqueiros demitidos relataram eventos macabros envolvendo um enorme cachorro de pelos negros, que matou um sobrinho do fazendeiro, devorou um dos filhos e raptou o outro no dia em que nasceram. Após isso, o gado começou a morrer e o homem foi enlouquecendo.

— Ortos — sussurrou, os olhos lacrimejados.

Havia uma camponesa nas proximidades de Gévaudan. Órfã, vivia com um cão enorme e de pelos negros, e jamais ia às missas e não se comportava como uma jovem cristã. Bela, despertava a paixão e o desejo nos homens e rapazes, os quais recusava quaisquer tentativas de cortejos e os presentes. Aprendeu com a mãe e o pai sobre deuses antigos, que resistiram milagrosamente à massiva opressão da Igreja, sobre os poderes oriundos das plantas e da terra, os segredos

para evitar doenças e angariar seu sustento. Ela era feliz, e nenhum mal fazia para ninguém.

Um dos filhos de um nobre se apaixonou pela camponesa, que refutou as investidas com gentileza. A última delas foi numa tarde, quando ele, embriagado, tentou invadir a casa dela e violentá-la. Ortros a salvou e o expulsou com ferocidade, porém não o matou a pedido de sua protegida. Dias depois, homens vieram buscá-la para responder algumas acusações e um longo e doloroso interrogatório inquisitório se desenrolou até sua morte na fogueira.

— Não pode... — deixou escapar, tomada pelo assombro.

A escuridão se espalhava como uma sombra sinistra pelas ruas, enquanto Paula encaixava as peças de um quebra-cabeça peculiar. De uma hora para a outra, informações que ela nunca imaginou possuir brotavam e se alinhavam, compondo um quadro sobrenatural e irracional para os padrões do século XXI: a camponesa acusada de bruxaria, torturada e queimada viva esteve por anos e anos num limbo vazio e maldito e renascera nas últimas décadas do século XX.

— Se eu *sou* ela, quem ele *é*?

A palavra “vingança” escapou de seus lábios trêmulos.

Ortros era o Cão Negro que perseguia o pobre homem, oriundo de uma linhagem amaldiçoada por um espectro vingativo que clamava pelo retorno de sua dona e companheira quando em vida. O cachorro da camponesa havia se jogado na fogueira e morrido junto com ela, mas retornou imediatamente como uma figura de brasas e fumaça negra, um monstro espectral que não descansaria até enlouquecer a última geração e ter sua amada jovem de volta.

Um calafrio percorreu sua espinha quando ouviu, ao longe, o uivo de um animal que deveria ser um lobo, seguido por gargalhadas grotescas que não pertenciam a nada conhecido no mundo dos vivos. Duas certezas se apoderaram de Paula: o Cão Negro iria agir naquela noite; e Marcos estava em perigo!

Marcos dormia um sono leve, algo comum após tantos anos sendo atormentado por imagens que quase não fazia sentido, mas sempre o amedrontavam. Sentia-se angustiado, ansiando o que estava para acontecer. O ar naquela cidade estava carregado da força sinistra que havia conhecido noutros lugares; sabia que o Cão Negro não tardaria a agir, executando mais uma etapa de seu plano de vingança. Estava cansado de lutar e tentar fugir, de ir contra o pacto que o prendeu naquele jogo em que era só mais uma peça.

— Depois desta noite, tudo estará acabado — repetiu a sentença até adormecer.

Sonhou com o caminho tortuoso em que trilhou desde que conheceu o demônio canino.

Nunca ficou claro o motivo de ter seguido sem rumo, distanciando-se de quem era e de onde vinha, andando ora pelas cidades, ora pelas estradas, às vezes sozinho, às vezes acompanhado por *ele* e seu fiel servo, alguém que, ao contrário de Marcos, não parecia preso a um pacto, ainda que detentor de uma sina macabra. Testemunhou eventos em cemitérios, encruzilhadas e ruas desertas, participou de rituais bebendo sangue e praticando canibalismo, lado a lado com a criatura que a polícia e Paula tanto queriam capturar, ainda crendo que fosse um reles psicopata assassino. Quando cansou da peregrinação perversa, o Cão o avisou que só precisaria fazer mais uma coisa e estaria livre.

O espírito demoníaco queria a investigadora ali, numa cidade que ela não conhecia, envolvida num caso de cunho sobrenatural e cercada tanto por ele quanto pelo *loup-garou*, o lobisomem que o servia há tantos anos.

Marcos era apenas uma peça num jogo mais complexo e que não fazia questão alguma de compreender. Estava farto de tudo aquilo, de agir como membro de uma seita satânica, de deitar sob o frio da noite, ferir pés e mãos andando pelas matas e pelo asfalto, de conviver com um demônio e um monstro, ambos implacáveis e cruéis em seus atos, de sempre ter pesadelos tão reais e testemunhar acontecimentos que pareciam os mais terríveis sonhos. E de não ter liberdade sobre suas ações, sempre possuído e despossuído por forças que o obrigavam a cometer crimes.

— *Marcos, acorda!* — soou a voz espectral do Cão Negro.

Mesmo que estivesse em sono profundo, o homem teria acordado. Não havia meios de escapar do poder hipnótico de suas ordens.

Emergindo das sombras da cela, a figura negra, imensa, magra e de olhos brancos se formou. Majestoso, moveu-se pelo ambiente, espalhando fumaça enegrecida por onde havia luz. Encarou o servo, que já estava sentado na cama de colchão duro, antes de continuar a falar.

— *Sei que o odeias. E ele também sabe.*

Marcos prendeu a respiração.

— *Ambos sois meus servos e ambos quereis a liberdade, mas eu só quero conceder a um a liberdade. O outro deve me ceder a alma.*

No lado de fora, o *loup-garou* uivou. Ainda estava a algumas quadras de distância, porém não tardaria a chegar ali.

— Mas... eu fiz tudo o que você me pediu e... — desesperou-se Marcos, caindo de joelhos quase chorando.

— *Ele também. E nunca tentou fugir de mim.*

A voz do espírito canino era suave, como gotas d'água deslizando por vidraças de um prédio, mas o servo sabia o quanto estava sobrecarregada de fúria e vingança, rancor e impiedade.

— Eu o servi por anos e...

— *Basta!*

A ordem ecoou no vazio escuro em que se encontravam.

— *Um me cederá a alma e o outro terá a liberdade: eis minha sentença. Antes da meia-noite, de um de vós levarei a alma.*

O loup-garou emitiu mais dois sons guturais.

O primeiro foi um uivo que arrepiou os pelos do corpo de Marcos: a criatura havia chegado à delegacia. E o segundo, quando o Cão Negro desapareceu e as trevas o seguiram, foi o rosnado pouco antes de iniciar uma gritaria e vários disparos.

A delegacia estava destruída. Corpos dilacerados e desmembrados, cartuchos vazios, armas ensanguentadas, vísceras espalhadas — várias delas puxadas dos corpos como fios de um novelo —, perfurações dos disparos pelas paredes...

Paula não suportou a visão macabra e fez ânsia de vômito, saindo rapidamente dali.

A chuva já não caía tão forte, mas o vento era um zumbido demoníaco em seus ouvidos, palavras sussurradas por uma presença que ela desconhecia a forma, mas lhe causava uma mistura de repulsa e fascínio. Apertou com firmeza a pistola, enquanto se recuperava do choque.

A rua estava deserta. Estranha e inexplicavelmente deserta. Como ninguém havia escutado sequer um som fora do comum? O cenário de destruição e carnificina denunciava gritaria, disparos e intensa selvageria. E ninguém percebeu nada? Seria efeito da chuva?

Um uivo potente trouxe Paula de volta. O Lobo Urbano estava ali. Era ele o responsável pelo massacre. Passos apressados denunciaram a aproximação de alguém. Ela se virou para trás, vislumbrando, pela vidraça ensanguentada e trincada, Marcos correr em sua direção. Apontou a arma para ele. As mãos estavam trêmulas, mas conseguiu se manter firme.

— Parado! — gritou.

Ele não obedeceu.

Logo atrás, caminhando sobre duas patas, a criatura.

Era uma fera robusta; os braços arqueados, mãos grandes com dedos longos e grossos, terminados em garras afiadas. As pernas traseiras se assemelhavam as de um lobo, porém os pés eram humanos, exceto que todos os dedos eram compridos e com unhas negras e imensas. Os pelos curtos e abundantes pelo corpo possuíam tons entre o negro e o cinzento, embora o sangue e os pedaços de carne e vísceras cobrissem quase tudo. A face era um amálgama de símio e lobo, com caninos expostos, orelhas não muito longas e tipicamente lupinas ainda assim, focinho achatado, meio deformado, muito similar ao de um macaco.

Marcos passou por ela e a puxou, chamando-lhe a atenção.

— O carro! Vamos dar o fora daqui! — gritou ele.

A policial não hesitou. Por sorte, não trancara as portas nem tirara a chave da ignição, então não foi difícil dar a partida e se distanciar do local. A água batia no para-brisa e escorria de modo diferente, sendo jogada para os lados pelos limpadores.

— O que era aquilo? — perguntou Paula, conforme dirigia em alta velocidade pelas ruas.

— Meu carrasco.

— Um lobisomem? É ele o Cão Negro? O Lobo Urbano?

— Aquilo é o Cão! — gritou o homem, apontando para frente, onde uma silhueta canina os aguardava sentado, os olhos brancos queimando a escuridão que o formava.

A mulher freou bruscamente.

— O que está fazendo? Enlouqueceu?

— Preciso de respostas, Marcos. Ou você as dá ou aquela coisa ali.

— Aquilo é o puro mal, é o cão do inferno!

— Se ele é um cão do inferno, que alma ele veio buscar? A sua ou a minha? Ou talvez daquele lobisomem lá atrás.

O Cão se aproximou do carro como uma sombra deslizando como uma sombra e se materializou ao lado da porta da motorista, assumindo a postura bípede. Seu hálito quente tocou o vidro, que pareceu derreter como gelo.

— Fiz coisas abomináveis a serviço dele, Paula. Coisas que me arrependo. Ele profanou, por anos, a minha alma. Não tive escolhas.

O espírito rosnou baixo.

— Eu não entendo metade do que vi e testemunhei desde que cheguei aqui — disse Paula. — Não sei quais as intenções suas ou do Cão Negro... ou do lobisomem. Nem sei mais quem sou nisto tudo. Estou confusa.

Ela largou a arma e abriu a porta do veículo.

— O que está fazendo?! — assombrou-se o homem.

— Deixando a justiça ser feita, eu acho.

E saiu do carro.

O lobisomem vinha correndo nas quatro patas, como um lobo numa caçada. Repentinamente, ao enxergar seu mestre ao lado da mulher, reduziu a velocidade e assumiu a postura bípede, agora caminhando sem demonstrar ameaça.

— Será indolor? — perguntou a mulher, fitando o Cão.

— *Não*.

Ela suspirou, com pesar.

— Compreendo.

Voltou-se para o interior do automóvel, onde Marcos procurava desesperado a pistola. Sentiu compaixão por ele, porém também sentiu ódio e desprezo, resquícios de uma vida que lhe foi tomada, séculos atrás, e agora lhe era devolvida. Ainda não entendia tudo, mas aceitava, aos poucos, a estranheza dos fatos.

— Adeus, irmão.

O infeliz não lhe deu atenção. Como não achou a arma, pulou para o banco do motorista e pisou no acelerador. Os pneus cantaram e derraparam na pista molhada, sob o latido decisivo do anjo vingativo e canino.

O lobisomem uivou e galgou com fúria, pulando sobre o teto do carro; as garras perfuraram a lataria sem dificuldades e, com a agilidade assassina que sempre tivera, agarrou o pescoço de Marcos e o arremessou para fora. A queda, em alta velocidade, fez a pele ficar parcialmente para trás, criando um sutil rastro rubro até onde o corpo molenga do homem pousou. A fera avançou sem titubear, enquanto o veículo desgobernado se chocava com um poste, e segurou a última vítima pela nuca, erguendo-a para assistir à derradeira cena daquela longa e peculiar vendeta.

Já não havia mais Cão, e sim Ortros, o bom e velho cachorro da camponesa acusada injustamente. Os olhos esbranquiçados desapareceram, dando lugar a um tom castanho-avermelhado. E não havia mais o tom fantasmagórico, o espírito criado pelo ódio e movido pela vingança; ali estava um simples animal, um mastim que, por anos, cuidou do cenário para o retorno de sua amada amiga humana.

A chuva já não caía mais quando a cabeça decepada de Marcos rolou pelo asfalto.

E já não havia mais o Lobo Urbano, e sim um garoto franzino e assustado, a quem Paula, na companhia de um belo mastim negro e de olhar calmo, acolheu

como um parente há muito perdido.

A bruxa e a fera

Em algum lugar entre Gévaudan e Vivarais, província de Languedoc, sul da França, 1767.

Os olhos lacrimejados. O pavor e o medo misturados com a dor e o cansaço. As lágrimas e o sangue dos lábios ressecados formavam uma mistura homogênea e salobre, lentamente escorrendo pelo queixo. O suor, tão abundante quanto as lágrimas, fluíam impiedosamente, fazendo arder as feridas que não cicatrizavam. E o pavor no olhar, que outrora foi alegre e esperançoso.

Foram longos dias até aquela tarde.

Primeiro a despiram, passando as mãos em seus órgãos genitais, alisando e cutucando, procurando os sinais visíveis de seu crime. Não satisfeitos, os inquisidores se dedicaram a alguns minutos de diversão, que constituía em examinar de modo minucioso cada canto de seu corpo, introduzir os dedos em orifícios e provocar dor. Violando-a indiscriminadamente. Aquele divertimento sádico era prazeroso para eles.

Depois a puseram numa cadeira, amarrando-a com violência e força nos braços e pernas, apertando até dilacerar um pouco a pele, provocando cortes que revelavam a carne branca e filetes de sangue. Ela gritou, e seus torturadores riram, praguejaram e a estapearam, acusando-a daquilo que tanto insistiam que confessasse. O assento era formado por centenas de metais pontiagudos, perfurando suas nádegas.

Um dos homens, alto e robusto, rosto severo e marcado por cicatrizes, foi até uma mesa e pegou uma pinça, retornando com um sorriso medonho, mostrando para a vítima o equipamento. Queria que ela temesse e sofresse pelos seus pecados contra a Igreja e imaculada fé cristã; veio de tão longe para encontrar a Fera e se deparou com algo bem mais interessante.

Ele ordenou que um dos ajudantes segurasse com firmeza o punho direito da acusada, sendo prontamente atendido. Em seguida, encostou a ponta da pinça na unha do dedo mínimo, levando-a até a parte que se une a carne, prendendo-a entre o objeto. Com uma puxada brusca, arrancou parte da unha, fazendo a vítima gritar. Não satisfeito, pôs o equipamento no que restou e puxou para cima, agora provocando uma hemorragia ainda maior do que na primeira vez.

Essa pequena e dolorosa cena se repetiu, com poucas alterações, várias vezes, cessando quando não restou mais sequer um pedacinho de unha para ser arrancada,

deixando os dedos da acusada cobertos de sangue e ferimentos horríveis.

O torturador acenou para um ruivo magricela, que entendeu que era a sua vez de brincar um pouco. Este foi para a mesa, procurando algo para ser usado. Demorou alguns instantes, pegando, por fim, um chicote pequeno, de correias de couro duro e com alguns espinhos. Bateu uma vez na mesa, para testar.

Próximo da vítima, ele roçou a haste do objeto de tortura nos seios firmes e pálidos, sem qualquer pudor. Passeou pelos ombros, pescoço, nuca, costas, braços... De repente uma chicotada e um grito medonho, alto, o sangue descendo pelo ombro esquerdo, escorrendo pelas costas e parte do seio. Outra chicotada, quase no mesmo instante, e o braço também foi coberto de cortes e sangue. Mal a prisioneira se recuperou da segunda chibatada, mais duas seguidas foram dadas, esfolando ainda mais o ombro e o braço.

O homem magro virou-se para seu superior, que assentiu que ele continuasse.

Não usaria mais o chicote. Voltou para a mesa e pegou uma haste metálica com uma das extremidades de madeira. Caminhou até a lareira que ardia naquela sala cedida gentilmente para aquela finalidade, pondo a ponta afiada nas chamas. Enquanto o ferro aquecia, ele gritou para a pobre infeliz, perguntando acerca da Fera.

Claro que ela desconhecia qualquer coisa sobre o monstro, exceto aquilo que lhe era contado, que todos sabiam: a criatura matara mais de sessenta pessoas, ferira outras oitenta, matara lobos e animais domésticos. O que mais se poderia saber? Corria o boato de ser um *loup-garou*, um monstro meio lupino, meio humano, fruto de pactos demoníacos.

Eles acreditavam mesmo que ela, uma pobre camponesa, sabia sobre uma criatura infernal? Que havia algum contato entre ela e a besta?

O ferro estava avermelhado. Era hora de marcar aquela pele pecaminosa!

O cheiro de carne queimada se espalhou pelo ambiente, acompanhado pelos gritos assustadores da acusada, que se contorcia na cadeira, a carne das nádegas ainda mais ferida. As cordas roçaram seus punhos e tornozelos, agravando os ferimentos.

— Diga! — urrou o magricela, mostrando o ferro que acabou de retirar da lareira, o rubro intenso, o calor forte. — Cadê a Fera?

— Eu... eu... juro por Deus... que não sei — respondeu a interrogada, os lábios feridos pelas mordidas aplicadas na tentativa de sufocar um pouco a dor.

— Blasfêmia! — gritou o homem robusto. — Usas o nome do Bom Deus em vão! Arderás no Inferno, ao lado daquela Fera e de seu mestre Satã!

O corpo da camponesa estremecia, cansado, dolorido e machucado. Era tanta dor que começou a anestesiá-lo. Nem sentiu com tanta intensidade as queimaduras.

Desfaleceu.

Quando acordou, estava numa cela sobre uma cama de pedra, alguns panos velhos, um balde com água, um pão meio duro e mofado, um prato com algo que mais lembrava o que se dava aos porcos. Nua. Suas roupas estavam jogadas num canto. Vestiu-se com dificuldade, os dedos inchados, doloridos e ensanguentados.

Rasgou um pedaço de um dos panos imundos, pegou a caneca e molhou o tecido; sentou-se no chão duro e sujo, cuidando dos ferimentos com lentidão. Chorava baixinho, pensando em toda a humilhação que sofreu. Cada ferimento que tratava como lhe era possível, cada queimadura, corte, dilaceração e perfuração — que lhe dificultava sentar-se —, tudo aquilo era uma forma de lhe mostrar o quão injusto era o mundo.

Lembrou-se da mãe, do pai e da irmã, os três mortos de forma misteriosa. Sobreviveu por sorte — ou milagre, como muitos disseram para ela, em momentos de conforto espiritual —, passando a viver no casebre, com um cão que era de seu pai, um bom mastim de pelos negros, porte majestoso e excelente galgo. Era um animal dócil com quem simpatizava, contudo perigoso a quem não era do agrado.

Era jovem, vivendo praticamente sozinha no campo, afastada de uma pequena vila e quase perto da floresta onde muitos ataques da Fera ocorreram. Não temia tanto o animal monstruoso, afinal possuía uma confiança imensa em Ortros, seu melhor amigo e protetor. Não pensava em se casar, nem mesmo com os filhos de alguns homens importantes da região, que mais queriam algum tipo de prazer do que algo sério com ela. Poucas vezes era vista na igreja, pois sempre se ocupava em afazeres para se manter. Precisava trabalhar para garantir seus alimentos, suas vestimentas, suas necessidades; e Deus entenderia isso, com certeza.

Embora órfã, era feliz. Não reclamava da vida, como a maioria das pessoas. Havia motivos para agradecer, mesmo que poucos vissem. Tinha uma crença diferente, apenas isso. Procurava ver sempre algo interessante e positivo em tudo o que lhe acontecia. Era algo simples, como respirar.

As crianças gostavam de sua companhia, pois era uma pessoa meiga e solidária, sempre gentil e alegre, contava histórias antigas, de povos que não existiam mais. Aquilo a fazia querida, até mesmo entre os adultos, que a viam como alguém que os filhos e irmãos mais novos poderiam permanecer próximos e sossegados.

Não era anormal ver Ortros deitado, todo manhoso, como um gatinho, enquanto os meninos e meninas franceses coçavam a sua barriga, roçando os dedos

sujos nos pelos e brilhantes. Ele abanava o rabo, sem qualquer sinal de ameaça.

Mas tudo aquilo se foi por algum motivo. Agora todos a viam como a possível causadora dos ataques da Fera ou cúmplice do que estava ocorrendo.

Sons baixinhos chamaram a atenção. Vinham da janela.

Ergueu-se com dificuldade, indo para lá. A noite estava alta, escura e sem lua e estrelas. Apenas o olhar atencioso do cão negro lá embaixo, metros abaixo da janela com grade.

— Oh, Ortros! — emocionou-se a camponesa.

O animal levantou-se, apoiando-se pelas patas traseiras, pondo as dianteiras na parede, ficando mais perto da dona, que conseguiu tocar os dedos feridos em sua cabeça grande. O mastim ainda lambeu sua mão, ganindo.

Talvez sob o efeito da pouca luz, ou ainda por pura imaginação, mas a prisioneira viu lágrimas brotarem dos olhos de Ortros.

A manhã foi turbulenta. Durante a madrugada, de forma misteriosa e violenta, um dos inquisidores teve a garganta dilacerada pelo que deveria ser a Fera. O pobre coitado estava estirado na cama, coberto de sangue, a cabeça pendendo para um lado, presa ao pescoço apenas por causa de poucos ossos, carne, nervos, veias e artérias que os ligavam.

Ninguém ouviu barulho de luta ou gritos por parte da vítima. Também não havia como alguém — ou algo — entrar pela porta, pois estava trancada por dentro e teve de ser arrombada para que os outros inquisidores entrassem quando desconfiaram do silêncio do colega. Tampouco a janela estava aberta, e sim trancada por dentro, o que tornava o caso ainda mais misterioso. Havia, ao redor da cama, pegadas meio humanas, meio lupinas, que iam até a janela, num rastro de sangue, desaparecendo através da parede.

A camareira, ao se deparar com a cena, vomitou, sujando os sapatos de um dos homens, que se irritou e a empurrou para fora.

— A Fera esteve aqui — afirmou ele, sério, voltando-se para os demais.

— Culpa da bruxa! — exclamou um loiro, tomado pela fúria.

Os indícios confirmavam. Um dos homens que a Igreja mandou para investigar o caso de bruxaria foi brutalmente assassinado, o mesmo homem que chicoteou e queimou a acusada de um crime hediondo contra Deus. A Fera, que provavelmente era um demônio, entrou no quarto e matou-o sem piedade.

Tomados pelo impulso, os quatro inquisidores foram para a cela da camponesa, que ainda dormia, exausta pela sessão de tortura que sofreu no dia anterior. Antes,

porém, deixaram ordens para que levassem o corpo para o necrotério, pois fariam registro do fato.

O mais robusto agarrou violentamente a bruxa pelos curtos cabelos negros e a puxou, jogando-a no chão duro. A seguir, deu-lhe um chute nas costelas, sentindo a ponta do sapato causar fratura nos ossos.

A infeliz tossiu forte, expelindo sangue. Tentou olhar para o agressor, mas outro pontapé, agora no queixo, arremessou-a contra a cama, onde bateu a cabeça. Muita dor.

— Invocaste um demônio para matar Léry! — acusou o inquisidor, os olhos faiscando. — És uma bruxa!

Ela não poderia se defender. Tinha a boca inchada e dolorida, coberta de sangue, os dentes quebrados, a mandíbula rangendo. Apenas fitou o maldito, desejando-lhe uma morte horivelmente violenta.

— Levai-a para a câmara! — ordenou o chefe, fitando os subordinados.

Em menos de dez minutos a prisioneira estava nua, deitada numa enorme mesa, os braços e as pernas esticados, sob o olhar sádico de um homem careca, que segurava um equipamento metálico cuja uma extremidade era parecida com uma pera, mas muito áspera, e a outra possuía um mecanismo giratório que expandia as partes do lado oposto.

Dois homens seguraram as pernas da camponesa, enquanto um terceiro mexia em sua vulva, tocando com rispidez sua intimidade, abrindo passagem, afastando os grandes lábios e cutucando onde o instrumento seria introduzido.

Agonia, dor, gritos. Tudo isso descreveria aquela nova tortura sofrida. As lágrimas, assim como o sangue, escorriam em abundância. Os dedos desprovidos de unhas roçavam a mesa de madeira negra, abrindo as feridas tão recentes. Os gritos eram altos e desesperados. O corpo se contorcia, incomodado com o objeto introduzido na vagina, indo cada vez mais fundo, roçando a aspereza e machucando o interior.

— Confessa, maldita, teus pecados! — gritou o torturador. — Confessa teus crimes para que Deus salve tua alma pecaminosa!

— Eu não sou uma bruxa! — replicou a francesa, ofegante.

Irritado com aquilo, o homem introduziu um pouco mais a pera metálica, rasgando a carne sensível, e cessou apenas quando atingiu a entrada do útero.

— És uma bruxa! — acusou. — Mandaste um demônio do séquito de Satanás matar Léry! Confessa!

— Não! Não sou!

Aquilo fez o inquisidor começar a girar o mecanismo, fazendo a pera se expandir. Se a dor já era grande, agora era intensa e angustiante, pois as partes do instrumento pressionavam e perfuravam lentamente. Era impossível suportar tanta agonia. Os movimentos desesperados se intensificaram. E cada vez que a extremidade interna se dilatava, rasgando as paredes internas de sua intimidade, mais a dor e o desespero atormentavam.

Os homens que a seguravam riam e apreciavam aquela cena sádica e desumana. Nem pareciam homens tementes a Deus.

O careca continuou a alargar o canal vaginal, sem demonstrar compaixão pelo estado de dor e agonia da garota, que arfava, estremecia-se toda, suava abundantemente e feria as pontas descarnadas dos dedos na madeira áspera e suja. O sangue escorria pela vulva, numa hemorragia mais intensa do que os ciclos mensais, descendo pelo períneo, cobrindo o ânus e se acumulando na mesa negra.

Quando atingiu o limite do parafuso, sem ter mais como expandir a pera, ele cessou e fitou o rosto contorcido e cansado da acusada de bruxaria, que àquela altura já não tinha mais voz para gritar nem forças para se debater. Olhou para os subordinados, que pareciam satisfeitos com o início da sessão de tortura.

Todos os inquisidores, durante o preparo para a sagrada função, aprendiam detalhadamente a arte de infligir dor aos hereges, blasfemos e satanistas; aprendiam onde e como machucar alguém para arrancar a verdade, a confissão dos crimes contra a Igreja e a soberania de Deus. O treinamento também servia para identificar formas de arrancar a verdade sem matar de imediato, mas sim prolongar o sofrimento por horas, dias, semanas ou meses — se por acaso fosse necessário.

Muitos lamentavam as mudanças no mundo, o avanço da heresia e influência da apostasia. A culpa era da maldita Reforma Protestante e do inútil Iluminismo! Tudo aquilo fez as pessoas se afastarem de Deus, de Seus preciosos ensinamentos, buscarem na ciência, que muitas vezes tentava afundar a fé, uma esperança tola, sem qualquer salvação para a alma.

Antes de saírem para o exame do corpo do companheiro morto, puseram o corpo debilitado da camponesa dentro de um enorme balde cheio de água, que lhe cobria até os ombros. Puseram grilhões nos pulsos, pescoço e tornozelos, cujas correntes estavam presas em enormes bolas de ferro espalhadas no chão.

Sozinha, ela chorou. Exausta. Desejou encerrar ali sua existência, contudo o colar de ferro que usava dificultava o mergulho. Estava lá dentro para uma tortura diferente, em dois momentos: primeiro, a ardência dos ferimentos pelo corpo, além da dor interna, das costelas quebradas e do canal uterino dilatado e sangrando; depois a sede, que era impossível de ser saciada graças a distância estratégica que se encontrava a água de sua boca.

Em meia hora — ou menos — o corpo estava tremendo de frio, os olhos pesados e sonolentos, pálpebras piscando, a letargia dominando a mente. Sentia muita sede e fome; delirava e sussurrava coisas desconexas.

Que mal havia feito para alguém? Afinal, todo aquele tormento era resultante de alguma denúncia; alguém contou uma mentira para o padre ou algum religioso — ou diretamente para a Inquisição —, trazendo aqueles cinco homens, que a prenderam sob alegação de ela ser uma bruxa e cúmplice da Fera de Gévaudan.

Pensou em algumas teorias, numa tentativa de afastar de si aquele sono mortal. Foi um esforço descomunal, embora antes lhe parecesse mais fácil fazê-lo.

Logo os inquisidores voltaram, rindo, um deles trazendo um prato com ossos quase totalmente desprovidos de carne. O loiro, sob ordem do careca robusto, libertou a garota e tirou-a da água.

O contato com o ar fez o corpo enrugado e arroxeadado da camponesa tremer horivelmente, obrigando-a a se encolher, quase em posição fetal. Muito frio. Os dentes batiam frenéticos, enquanto o organismo quase entrava em convulsão; os pulmões exigiam grande quantidade de ar, o que fazia não apenas eles, mas também o diafragma e as costelas doerem nesta luta por oxigênio.

O homem que segurava o prato com as sobras do almoço, um sujeito de quase quarenta anos, cabelos grisalhos, pôs o utensílio perto da francesa, afastando-se em seguida.

Quando sentiu o cheiro da carne assada que miseravelmente se prendia nos ossos do carneiro, a jovem esticou a mão esquerda para pegar um deles. Ainda tremia, por isso teve dificuldades em levá-lo à boca e arrancar a pouca carne carcomida. Mastigou o pequeno pedaço retirado com ainda mais esforço, afinal lhe faltavam alguns dentes e outros estavam quebrados e a boca bastante inchada.

Aquela cena tão deplorável dava prazer aos que a assistiam. Era fascinante ver a mulher que zombou do nome sagrado de Deus ser castigada e tratada como deveria ser: algo abaixo dos homens, como um cão.

Os lábios feridos e roxos da francesa ardiam em contato com os temperos usados nos nacos da carne, contudo a fome que a torturava falava mais alto, fazendo-a comer tudo o que podia num desespero incomum. Sabia que estava sendo humilhada novamente, porém o instinto de sobrevivência era mais forte do que o sentimento de vergonha.

Os inquisidores observavam-na, pensando no que averiguaram no corpo do morto. Aqueles dentes que estraçalharam o pescoço do infeliz deveriam ser de aço, tão potentes quanto uma espada, afiados como lâminas cortantes de um punhal ou

faca. Encaminharam o corpo ainda naquela tarde para o Vaticano, a fim de ser abençoado pelo Papa e assim garantir a salvação da alma.

O destino da bruxa já estava determinado, embora ainda faltasse mais um dia para conseguirem alguma informação acerca da Fera, que certamente seria aquele enorme e assustador cachorro negro que ela tanto gostava. Talvez obtivessem sucesso até o dia da condenação.

Mal a garota terminou de roer o quarto osso, o careca a pegou com violência pelo braço, pondo-a na cadeira com assento espinhoso. Prendeu-a pelos pulsos e cotovelos, embora agora parecesse desnecessário, afinal ela já não tinha mais tanta força para escapar.

O homem mais velho do grupo foi até a mesa, pegou o mesmo instrumento que foi usado pelo magricela assassinado. Entregou ao mais jovem, um rapaz de cabelos castanhos e uma marca verrugosa na bochecha — que se tivesse numa mulher, como a francesa, seria um sinal de bruxaria. Este a levou à lareira, pondo-a para ser aquecida.

— Diga, bruxa! — pediu o líder dos inquisidores, o careca, fitando-a. — Diga onde está a Fera!

— Eu não sei da Fera — choramingou ela. — Juro por Deus que não sei de nada...

— Blasfêmias! Blasfêmias! — acusou o homem loiro. — Como ousas invocar o nome santo do Senhor para te defenderes?

Aquele julgamento não era justo: por mais que tentasse se defender e provar inocência, mais a camponesa se condenava perante aqueles algozes insensíveis e tementes a um Deus de crueldades, violências, imposições e rancor. Começava a duvidar que houvesse um Deus bondoso, como acreditava o pai.

Durante aquela tarde inteira seu corpo foi queimado, esfolado pelos chicotes e outros instrumentos cortantes, depois posta dentro daquele balde com água gelada e já suja de sangue e urina. Por fim, devolvida para a cela, no entardecer.

Estava totalmente sem forças, tão exausta que nem se incomodou com o prato de comida que foi servido — se é que se podia chamar um pão mofado, ossos de um assado de carneiro e uma caneca contendo uma água com uma coloração meio esverdeada. Corpo e alma doíam; estava incapacitada de qualquer movimento.

Os ganidos de Ortros foram ouvidos. Como queria alisar os pelos negros e sedosos do único amigo que tinha naquele mundo tão injusto e cruel! Como adoraria ver os olhos castanho avermelhados do belo mastim! Mas não poderia, não naquela noite chuvosa! Apenas sussurrou um pesar, lembrando-se da sessão de

tortura que enfrentou. Não havia forças ou ânimo para demonstrações de afeto e carinho. Ele entenderia, tinha certeza...

O cão negro ganiu, quase imitando o choro humano, parecendo compartilhar a dor tão intensa e profunda da garota. A seguir, uivou como um lobo. Potente e ameaçador.

Naquela noite, duas almas seriam castigadas.

O cão, furioso, pulou sobre a mesa e rosnou como um demônio. O tamanho monstruoso e de pelos negros causava pavor na alma mais corajosa do bordel. Os dentes alvos estavam expostos, a saliva pingava pela madeira encardida e os olhos fulminavam os dois homens que pretendia matar. Eram eles os causadores do sofrimento da moça que deveria proteger.

Não foi por acaso que o pai da jovem recorreu a uma cigana, que lhe deu um amuleto feito de penas de corvo, dente de lobo e sangue de cabra: um objeto pequeno, semelhante a uma noz, com tudo amassado e unido de forma homogênea. O animal apenas precisaria engolir aquilo para se tornar longo e suficiente até a morte da filha.

Mas acreditar em ciganos, numa época em que a Inquisição ainda os caçava, era um ato de fé perigoso demais. E o amuleto não apenas permitiu ao cachorro ser dotado de inúmeros anos de vida e racionalidade, mas o laço de amizade entre ele e a camponesa fez surgir uma magia poderosa, uma estreita relação de união entre a alma humana e a animal. Ambos eram interligados de uma forma especial; o que ela sentia era o que ele sentia, e vice-versa.

E a dor que a garota sentia o motivava a agir e para castigar aqueles homens cruéis.

Num salto veloz, o cão abocanhou a cabeça do homem robusto, derrubando-o no piso duro. As presas rasgaram a face do infeliz, que o esfaqueou nas costelas, conseguindo empurrá-lo para longe. Mal caiu para o lado, o animal se ergueu e rosnou, exibindo os dentes cobertos de sangue e nacos de carne; impulsionando o corpo para frente, tornou a atacar o inquisidor, agarrando seu peito, mordendo e pressionando-o contra o chão, agora suportando inacreditavelmente as facadas que recebia. E naquele avanço furioso, como um predador faminto, desceu até o ventre do desgraçado, arrancou pedaços das vestes e nacos de carne. Puxou para fora as vísceras com ferocidade, mastigando e voltando a afundar o focinho no buraco aberto.

A vítima gritava de dor, debatendo-se e clamando por socorro, enquanto as pessoas corriam de um lado a outro, inclusive o companheiro, que já saía do

bordel, esbarrando em prostitutas e frequentadores, quase todos embriagados e apavorados, pegos de surpresa pelo aparecimento daquela fera demoníaca.

O fugitivo correu pelas ruas em desespero, chamando pelos outros dois companheiros, que se abstinham de quaisquer tipos de prazeres da carne, preferindo se dedicarem a orações e jejuns. Estava com a camisa branca meio aberta, mostrando o peito, pois, segundos antes do ataque do animal, uma meretriz lhe acariciava o corpo, sussurrando maliciosamente imoralidades no ouvido.

O único instinto agora era fugir, correr, alcançar os demais e pedir socorro.

Ele correu pelas ruas, cada vez mais apavorado com as pegadas ferozes da besta que avançava, da morte que galgava na forma de um cão negro imenso. Escorregou algumas vezes; numa delas, bateu com impacto a cabeça no chão, ficando atordoado. Com dificuldade, sentou-se e levou a mão à nuca, percebendo que sangrava. A espinha dorsal gelou quando algo rosnou ao lado; virou-se bruscamente, encarando o algoz canino.

Tateou em volta. Buscava alguma coisa que pudesse servir de arma. Encontrou uma tábua. Agarrou-a com urgência e golpeou com força o focinho do animal, que latiu de dor, recuando um pouco. Foi a brecha para se levantar e correr novamente, gritando por socorro. Passou entre alguns guardas, segurou-se a um com desespero, contando que um demônio o perseguia, que a Fera estava ali, em seu encalço. Parecia louco, e um dos homens tentou acalmá-lo, enquanto outro ia espiar o local indicado.

Uma chuva fina se iniciou, seguida por relâmpagos fortes e trovões que pareciam rosnados de lobos. Ninguém se atrevia a sair nem para espiar pelas janelas, a maioria já ciente do ataque de uma besta ensandecida num bordel; a movimentação nas ruas se resumia a dos soldados, que buscavam em grupos de três ou quatro pelo monstro canino, todos armados com espingardas e lanças. Tudo o que eles descobriram foram os rastros de sangue do animal gravemente ferido, que fugiu para o campo, mas a água logo apagou as pistas.

Os dois outros inquisidores olhavam para o corpo destroçado do companheiro, assombrados com a monstruosidade do ataque. O rosto estava destruído pelas mordidas, tornando-o quase irreconhecível, as entranhas foram trazidas para fora, os pulmões parcialmente devorados e o coração arrancado e engolido, segundo as poucas pessoas que permaneceram no local, paralisadas de horror para qualquer ação. Ninguém mais foi ferido, como se o objetivo da fera misteriosa fosse somente aquele homem, numa forma de represália.

— A bruxa — disse o responsável pelo interrogatório, rangendo os dentes, voltando-se para o sobrevivente, que ainda tremia sentado na cadeira, coberto por lençóis brancos.

Ele convocou o outro, que hesitou um pouco, ainda olhando para o cadáver desfigurado. Deu ordens para o companheiro em choque descansar um pouco e os encontrar pela manhã na prisão, onde determinariam o destino da maldita que incitou a Fera a agir de novo. Retirou-se com passadas firmes e apressadas, seguido pelo ajudante, que sentia sobre si toda a desgraça que pairava sobre suas vidas.

Alguns soldados escoltaram o inquisidor até onde todos estavam hospedados, garantindo que naquela noite o monstro não voltaria a atacar, pois deveria estar satisfeito com a parte do homem que conseguiu devorar. Despediram-se dele na entrada da pensão, prometendo vigilância ali até o amanhecer, quando ele iria para o local em que estava a bruxa.

Mais tranquilo, o torturador entrou e foi para o quarto. Em sua mente surgiam formas cruéis e dolorosas para fazer aquela imunda confessar os crimes contra Deus e os homens. Era certo que não tardaria vê-la arder na fogueira, mas ainda teria algum tempo para lhe causar sofrimento; era um de seus prazeres, o maior de todos, até mais do que a fornicação e a bebedeira. Proporcionava dinheiro para os dízimos, as indulgências e as orgias; era divertido e garantiria um lugar no Céu, afinal, fazia a obra divina.

Não pôde deixar de gargalhar ao imaginar o corpo nu da jovem se contorcendo com os instrumentos que ele usaria, com as formas que pretendia obrigá-la a confessar crimes hediondos. Prolongaria a dor dela por quanto tempo quisesse. Era uma lástima que uma camponesa tão linda fosse morta sem desfrutar de mais alguns prazeres carnavais, os quais ele poderia ter ensinado. Teria que se contentar com as meretrizes e jovens inocentes dos vilarejos em que passasse.

Abriu a porta do quarto, estranhando alguma coisa, que não soube deduzir o que fosse; estacou no limiar da porta por alguns segundos, checkou o aposento, procurando qualquer sinal suspeito com o olhar, porém não enxergou nada incomum. Ignorou aquele medo infantil e entrou, trancando a porta; despiu-se e se deitou, enrolando-se nos lençóis e cobertas, praguejando por não ter conseguido uma prostituta para aquecê-lo naquela noite tão fria.

Entre um cochilo e outro, escutou alguma coisa se arrastando embaixo da cama, movendo-se sorrateiramente, arranhando as garras no assoalho. Encolheu-se por instinto, tentando distinguir qual demônio estaria à espreita de sua alma. Prendeu a respiração e aguardou, ouvindo os arranhões cada vez mais altos e intensos, mas logo cessaram tal como começaram; e ele respirou com alívio, rindo de seu pavor estúpido.

Foi um instante apenas de sossego, pois o enorme cão negro adentrou o quarto pela janela, arrebatando vidros e madeira. Rosnando como uma cria do Inferno,

pulou sobre o infeliz, que ainda gritou antes de ter a garganta rasgada e a voz sufocada pelo sangue que borbulhava ruidosamente pela ferida e pela boca escancarada, enquanto o corpo entrava em convulsão.

O homem ainda encontrou forças para empurrar a fera para fora da cama e ensaiar alguns passos até a porta, mas caiu com estrondo no meio do percurso e bateu o queixo no chão, fraturando-o. Arrastou-se de maneira patética, a boca sangrando incessantemente; sentia a presença demoníaca da fera encarregada de levá-lo ao Diabo, e a vislumbrou de relance, quando ouviu seus passos lentos se aproximando, o sangue gotejando do corpo ferido. Que tipo de criatura era aquela que resistia bravamente a tantas facadas e andava entre os homens semeando a morte?

Ortros estava perfurado e ensanguentado, mas ainda capacitado para cobrar daqueles malditos a dor que eles causaram em sua protegida. Sabia que ela não sobreviveria a mais uma sessão de tortura e morreria em breve, que a dor que a fazia ter pesadelos não cessaria até o último suspiro e aqueles que se diziam justos iriam maltratá-la. Se não poderia salvá-la, pelo menos beberia do sangue de cada um deles, reclamaria por suas vidas como uma forma de sanar a perda da amiga.

Os barulhos da janela quebrada, dos rosnados e do homem se debatendo chamaram a atenção dos demais hóspedes, que gritaram pelos guardas, e estes, também alarmados, já subiam as escadas com pressa, prontos para cercarem e abaterem o monstro. Eles batiam na porta quando o cachorro dilacerava o pescoço do desgraçado, cravando as garras em suas costas. Alguns disparos na maçaneta e testemunharam ainda a criatura horrenda terminando de matar a vítima. Sem hesitar, apontaram as espingardas e dispararam.

A suspeita de bruxaria foi posta sobre a mesa com agressividade, presa pelos pulsos e tornozelos por correias que feriam a pele; ela estava despida, revelando os hematomas, queimaduras, cortes e perfurações; tudo que denunciava o quanto sofreu naqueles dias. O simples toque do vento era o bastante para o corpo doer.

— Um de meus companheiros foi morto! — exclamou o chefe dos inquisidores, esmurrando o rosto da garota. — Um cão oriundo do Inferno veio e o matou! E eu sei, bruxa maldita, que é obra tua e daquele com quem copula!

A camponesa era incapaz de falar qualquer coisa para se defender. Todas as provas levantadas contra ela eram irrefutáveis até mesmo se tentasse debater com a razão. Marcas pelo corpo, o comportamento, o histórico familiar, o fato de ter a companhia de um cão enorme, as ausências nas missas, as recusas de cortejos... Estava tudo ali; não havia argumentos quando todos os sinais de serventia a Satanás estavam registrados num livro. E ainda que pudesse refutar e tentar

desesperadamente se defender, estava fadigada e sem forças para responder as acusações; tudo doía de modo terrível, sangrava ou começava a criar pus, e sentia-se como aqueles homens queriam que ela se sentisse: podre.

Limitou-se a chorar, enquanto sentia o instrumento em forma de pera adentrar o corpo, a rasgar ainda mais sua intimidade; estremeceu, contudo não possuía mais forças para gritar. Estava humilhada e destroçada por aquelas pessoas que seguiam uma fé em que torturar e assassinar era um meio de alcançar a bem-aventurança. Tudo o que desejava era que a agonia findasse e pudesse dormir e nunca mais despertar.

A notícia da segunda morte fez os inquisidores se retirarem, porém a deixaram amarrada onde estava, com o objeto introduzido na vagina; o sangue escorria sem pudor, como uma regra compulsiva.

O choro da jovem foi silencioso e solitário. A desesperança a invadia, enchendo a alma de angústia mortal, acabando com qualquer coisa que ainda restava de sanidade e de amor. Amaldiçoou cada um daqueles que destruíram sua vida pacata, até quem a denunciou como uma bruxa, desejando que a justiça, divina ou demoníaca, fosse feita, e se em algum momento ela fez algo bom, servisse para que o pedido fosse ouvido.

Quando os homens retornaram, acompanhados pelos soldados, retiraram o aparelho de tortura bruscamente e a livraram das correias; com um puxão, jogou-a sobre o corpo do cão abatido.

— Veja, filha do Demônio! — esbravejou o líder. — Veja o atestado de tua culpa! Eis a Fera que assombrava Gévaudan e Vivarais! Morta! E tu estarás pela manhã ardendo no fogo da purificação! Se quiseres salvar tua alma da danação eterna, confessa teus pecados e reza ao Bom Deus para que guarde a tua alma imunda!

Ela abraçou o corpo ensanguentado de Ortros, chorando pela morte do animal que tanto amava. Sentia os pelos molhados e cobertos de cacos de vidro e lascas de madeira. Reconhecia a lealdade daquele cão tão fiel e amável. Não queria vê-lo assim, inerte e sem vida, assassinado por pessoas cegas pela estúpida religião que de nada servia ao mundo, que escrevia seus livros e rezava suas missas sob as covas de quem era diferente.

— Levem ambos para a cela! — ordenou o inquisidor, dirigindo-se aos guardas. — E noticiem ao rei que a Fera de Gévaudan foi abatida e a bruxa será queimada imediatamente, evitando que mais desgraça caía sobre este povo!

Os soldados atenderam a ordem. Jogaram ambos na cela, primeiro a fera e depois a garota, que caiu sobre o cadáver. Fizeram o sinal da cruz algumas vezes,

olhando para os dois com calafrios. E um deles desmaiou quando, num relance, percebeu os olhos sem vida do cachorro fixos nele. Carregando o covarde, eles acompanharam os dois inquisidores, que dedicariam a madrugada no preparo da fogueira para a execução emergencial.

— Perdão, Ortros — sussurrou a jovem, abraçada ao único amigo que teve na vida.

A tristeza e a dor se misturavam nas lágrimas que caíam sobre os pelos negros do cão morto. Tudo o que ela queria era morrer e poder encontrar seu cachorro em algum lugar longe de tanta maldade, de homens loucos e mentiras que se faziam verdades. Adormeceu, anestesiada tanto pelas dores quanto pelo desespero. Foi um sono sem imagens, apenas as trevas.

Foi acordada com um chute na coxa. Por um momento, o que viveu pareceu um sonho, e estava sendo acordada por um movimento brusco do cachorro que a protegia. Os gritos irritados e o corpo dolorido, contudo, vieram no segundo seguinte ao pensamento ilusório. Enquanto era erguida com violência, para ser preparada para a execução, chorou em silêncio, sem lágrimas e sem forças. Derrotada.

Tudo logo acabaria. O fogo consumiria não apenas seu corpo, como também tudo aquilo que sentia.

— Alguém levou a Fera para ser enviada ao rei? — perguntou alguém, mas sem ter resposta.

Ela não ouviu aquilo. Em sua dor, Ortros estava morto e acusado de ser um monstro que não era. Assassinado pelas mesmas mãos que a executariam em breve. Não queria aquele destino para um amigo tão leal.

Vestiram-na precariamente com uma túnica branca com cruces vermelhas bordadas, que exalava um cheiro fortíssimo de enxofre, fazendo-a tossir quase sem som; os inquisidores jogaram um pouco de água benta e recitaram versículos bíblicos em latim. Homens tementes a Deus. Soava como um gracejo sádico, mas era uma verdade que a camponesa comprovou e tinha espalhada pelo corpo.

Ainda queria saber como aquilo começou. As razões de alguém denunciá-la, de fazê-la passar por aqueles dias de tortura e humilhação. Não era de ter mágoa por ninguém, contudo, se havia um anjo vingador, queria que ele a vingasse.

Por ordem dos superiores do local e para evitar problemas legais e burocráticos, a pilha de lenha foi preparada bem longe da vila; apenas algumas pessoas iriam. Além dos juízes cruéis e dos carrascos, alguns nobres interessados no assunto, responsáveis por convencer a quase extinta Inquisição agir sob os

panos, e cronistas, que registrariam aquele momento para a glória do rei e de seu reinado tão bondoso.

Era uma manhã cinzenta. Talvez viria uma tempestade, o que causaria problemas com o fogo purificador. Carregaram a acusada numa carroça. Como ela não demonstrou resistência, amarraram os braços nas costas, de modo grosseiro, para infligir dor. Quem a viu ali na jaula, como um animal selvagem, teve três tipos de sentimentos. O mais comum foi desprezo, seguido por gestos tipicamente cristãos, como fazer sinal da cruz e rogar justiça divina. O segundo, vindo das crianças, era metade de euforia e metade de comoção, afinal conheciam-na de momentos alegres; algumas, inclusive, choravam e outras jogavam coisas nela, a fim de machucar. E havia aqueles que, ao olharem os olhos semimortos da jovem, questionavam se ela era realmente uma bruxa.

O cheiro forte de enxofre já não a fez tossir. A brutalidade de quem a arrastou para o amontoado de lenha não a incomodou. As cordas esfolando e sangrando sua carne não lhe traziam mais dor. As orações do padre, seguidas pelas palavras dos inquisidores, numa pregação de terror, não foram ouvidas. A chuva que começava a cair não tinha nenhum sinal de umidade. O calor não a fez despertar do sono letárgico que sentia. O fogo queimou primeiro os pés, derretendo as poucas unhas, sapecando os dedos, tostando a pele antes imaculada.

O forte odor de carne queimada se mesclou ao de enxofre, sufocando os mais sensíveis, que se afastaram tapando os narizes. Outros, buscaram abrigo em qualquer coisa, pois a água que caía se intensificou. Relâmpagos sinistros cruzavam os céus, produzindo trovões demoníacos, que assustavam diversas pessoas, por onde pudessem ser ouvido. Quem continuou assistindo o corpo da garota ser consumido pelas chamas, indiferentes ao fedor nauseante e a chuvarada, vislumbrou os cabelos chamuscarem, o rosto se deformar em bolhas que logo pipocavam, mas em momento algum a acusada gritou ou demonstrou dor.

A fogueira estava alta, resistindo ao cair constante da água, quando os inquisidores se deram por satisfeitos e vingados, em nome da divindade que serviam. Fizeram o sinal da cruz e se afastaram, olhando-se e sorrindo. Foi uma alegria fugaz, assim como a horrenda criatura que saltou para o interior do fogo e derrubou a estaca que prendia o corpo sem vida da jovem.

Gritaria, orações e correria se seguiram no segundo seguinte. O tronco incandescente rolou alguns metros, atingindo as pernas de alguns mais desafortunados. Os soldados, sem qualquer conhecimento do que estava acontecendo, apenas atiraram contra o monstro negro e bípede, que continuava em sua tarefa de libertar a bruxa. Um deles, mais próximo da fogueira, foi atravessado

por um espeto rubro; sem sangrar, caiu com um buraco onde antes estava o coração.

— A Fera não morreu! — urrou alguém, enquanto o horror tomava conta de todos.

Mais e mais pessoas caíram fulminadas, empaladas por estacas ardentes. Quando não restou mais o que arremessar, o animal demoníaco saiu das chamas, segurando o corpo queimado da protegida. Uma visão assustadora que jamais seria esquecida pelo único sobrevivente do massacre. Pondo-a no chão por instantes, o monstro, meio-homem, meio-lobo, perseguiu os fugitivos mais distantes, desmembrando-os e estripando-os sem muito esforço.

Por onde passava, o Cão Negro parecia uma figura fantasmagórica, deixando rastros sutis de seus pelos negros, como uma fumaça que cisma em não desaparecer. Minutos antes, ao se jogar na fogueira, ainda era Ortros, o animal de estimação da garota acusada de bruxaria; e estava moribundo. Após abraçá-la, a magia poderosa que o fazia protegê-la provocou uma transformação peculiar: todos os sentimentos e emoções negativas que a jovem já sentiu na vida estavam nele, na forma mais pura, destrutiva e vingativa, unida aos instintos primitivos dos lobos e cães.

Ele voltou para perto da protegida, arrastando um dos filhos de um rico proprietário de terras pela perna. Não havia mais ninguém vivo: os inquisidores estavam queimando nas brasas do instrumento de execução que tanto se orgulhavam, com espaços vazios no peito — Cão havia devorados seus corações. Pegou o infeliz pelo pescoço, roçando as garras afiadas em sua pele, mostrando o cadáver semicarbonizado.

— *Hoje me tiraste ela* — soou uma voz medonha e ancestral, poucas vezes ouvida por audição humana. — *Um dia, portanto, tua semente me devolverá. Não morrerás, pois, até que seja tua hora. Quando for, virei buscar-te. E seguirei teus filhos e os filhos de teus filhos até que me devolvam aquilo que me tomaste. Serei a herança de teu sangue. Serei a vingança em teu encalço. Nunca te esqueças desta noite, pois é a noite que uma inocente morreu e começou a ser vingada.*

E soltou o maldito, que chorava e balbuciava, olhando a figura licantrópica pegar a morta pelos braços e partir para as trevas, onde viveria pelo tempo que precisasse até cumprir a nova sina.

O horror alvo

A névoa entrou lenta e progressivamente no quarto.

Serpenteou devagar, deslizando acima do chão alguns centímetros, evitando tocar nos poucos móveis. Num movimento gracioso, ergueu-se e condensou-se sobre a cama, onde um homem barrigudo dormia um sono pesado, acompanhado de roncos sonoros. Ao seu lado, uma mulher, apenas de calcinha, parecia não apreciar aquela orquestra de sons guturais, entretanto dormia também, cobrindo a cabeça com o travesseiro.

A forma felina materializou-se conforme se aproximava do espaço entre o casal. Branco, tinha longos pelos sedosos e o porte de um gato selvagem. Seus passos não produziam som ou peso, então logo a criatura estava sentada próxima às cabeças dos dois humanos. A névoa que ela trazia continuava entrando e se alastrando-se pelo quarto, escapulindo pelas frestas da porta e forrando o piso do corredor.

O olho direito era completamente negro; o esquerdo, coberto por uma membrana esbranquiçada, não tinha nenhuma serventia. Exceto pela deficiência ocular, era um animal belo e majestoso, filho das sombras da madrugada e das névoas que bailavam nos lagos antes de a manhã se tornar quente.

Sereno, o Gato Branco voltou a atenção ao homem que roncava. Num gesto, tornou-se novamente parte do nevoeiro e foi inalado. Adentrou cada parte do organismo, foi célula nervosa, plaquetas sanguíneas e moléculas de oxigênio. Cada segundo que passava dentro do humano, mais sobre ele conseguia captar. E foi nas memórias de dias passados que ele se encontrou antes de tudo começar.

Era somente um gato doméstico amado por duas garotinhas. Elas eram idênticas e felizes no orfanato. Nunca conheceram os pais e tampouco demonstravam sentir falta deles; tinham uma a outra — e ambas tinham um lindo gato branco — e eram felizes assim.

Eram.

Foram separadas, aos sete anos, cada uma para uma família. O gato acabou ficando com a que tinha mais apego por ele. Os anos passaram de modos esquisitos, e o Gato Branco preferia que fosse assim; não gostava de reviver esta parte da história a qual acabou se tornando protagonista.

A jovem tinha quinze anos quando foi encontrada morta, à beira do lago, com sinais de violência sexual. Ninguém nunca soube o que aconteceu com ela e

também nunca entendeu como uma garota, adotada por uma rica família da cidade, aventurou-se tão longe de casa altas horas da noite e terminou daquele jeito.

— *Por que essa expressão de desespero, bichano?* — Uma voz soou no limbo gelado em que o felino se encontrava.

A água estava fria. E seu corpo maltratado boiava com suavidade em direção a um mastim de pelos negros e olhos brancos. Um garoto, que acompanhava o Cão, retirou o gato da água e o pôs diante do mestre.

— *És uma criatura corajosa, mas apenas coragem não irá te servir no que teu coração felino deseja.*

Aumentando de tamanho e adquirindo uma aparência humanoide, o Cão Negro estendeu o braço direito sobre o corpo quase sem vida do gato branco e, com uma das garras curvadas, fez um corte profundo no pulso. O sangue que escapou do ferimento era vermelho como rubi; bastaram três gotas sobre o olho furado do felino para todo o calor que possuía o líquido contaminar o gato, que se levantou num pulo.

— *Amanda!*

Foi a primeira vez que o Gato Branco pronunciou o nome da jovem assassinada. Foi a primeira vez, aliás, que ele falava um dos idiomas dos homens.

— *Agora tem o que precisas* — disse o Cão Negro, afastando-se com calma.

Mas aquelas eram memórias mais do felino do que do humano.

Não havia muito ali para se aproveitar. O homem era somente um dos muitos empregados da mansão; tinha cumplicidade na tortura e na violência que Amanda sofreu, mas não poderia, nem se quisesse, informar o paradeiro dos responsáveis.

Deu à vítima algo para se lembrar do crime que cometeu.

No sonho, ele corria por corredores e mais corredores, todos tão iguais, ainda que ficassem cada vez mais estreitos. Sombras medonhas deslizavam pelas paredes, chamando seu nome. Vozes e choros que ele lutava para esquecer, pedaços de um passado que não lhe trazia qualquer orgulho, mas não denunciava por recluir a represália de quem tinha dinheiro e metade da cidade nos bolsos.

Conforme andava e os corredores se estreitavam, o chão se enchia de uma mistura de sangue e lágrimas, os gritos e os pedidos de socorro e clemência se tornavam mais altos. Os tímpanos doíam e sangravam. Tentaria tapar os ouvidos se não estivesse ocupado em se manter de pé, pois abaixo da piscina vermelha que se formava nos corredores, mãos de diversas crianças tateavam seus pés e agarravam suas pernas, tentando levá-lo ao abismo.

O espaço continuava a se apertar. As crianças prosseguiram nas tentativas de derrubá-lo. Os lamentos estavam cada vez mais estrondosos, fazendo sua cabeça latejar de dor.

Então ele viu a saída daquele pesadelo: uma janela.

A mulher despertou com o barulho de algo pesado indo de encontro à vidraça. Ainda sonolenta, demorou a sentir falta do namorado; procurou o que causou seu despertar, mas, exceto pela densa névoa que forrava o piso, nada mais havia no quarto.

— Edgar? — chamou, tateando a cama.

Os dedos tocaram algo viscoso. Levou os dedos ao nariz. Sangue.

— Edgar! — gritou, dando um pulo para fora da cama.

A névoa se dissipava, escorrendo para fora pelo vão onde havia o vidro da janela. Por instinto, já ciente do pior, a mulher a seguiu. Pisou em alguns cacos, desviou de outros; feriu superficialmente a sola dos pés.

O vento da madrugada estava ameno. Cães latiam ao longe.

Com cuidado, ela colocou a cabeça para fora. Dez andares a separavam do namorado, que estava empalado nas lanças da grade do apartamento. A queda o fez ficar de cabeça para baixo; uma lança o atingiu de um lado a outro do crânio, a ponta saindo quase rasgando a garganta; o corpo dependeu para direita, fraturando o pescoço; um braço foi espetado, uma perna assumiu um ângulo agonizante, ficando somente parte do pé presa na ponta de outra lança.

Enquanto a mulher gritava de horror e desespero, no outro lado da rua, uma garota de capuz assistia ao fim de mais uma vítima do Gato Branco.

Financiamento coletivo

Este livro foi produzido através de um financiamento coletivo. Sem o apoio das pessoas especiais que nos cercam, o trabalho para sua produção seria ainda mais árduo.

Registramos aqui nominalmente todos aqueles que contribuíram para a produção desse projeto:

Alan Matos de Sá

Aline Ramos Berute

Ana Lucia dos Santos

Barbara Cabral Parente

Bruce Bezerra Torres

Bruna Guedes da Terra

Bruno Avila Rauber

Caroline Alves Centeno

Clara Madrigano

Claudia Mina O Fukuzawa

Dinei Junior

Flávio Karras

Gabriel Julião

Gabriele Gomes Diniz

Gabriella Meister Ortola

Hellen Sabo

Higor de Oliveira Barbosa

Jessica Oliveira da Silva Botelho

Juliana Lima

Laura SaintCroix

Leka Melo

Lilene Leverdi

Lurian Tiegs

Maria Risolêta Silva Julião

Marwin de Souza Bravin

Natália Mussato

Priscila Barone Almeida Santos

Priscila Dias

Regina Sobral

Ricardo Santos

Rodrigo Mesquita

Rodrigo Ortiz Vinholo

Samuel de Castro Santana Cardeal

Tracy Anne Duarte

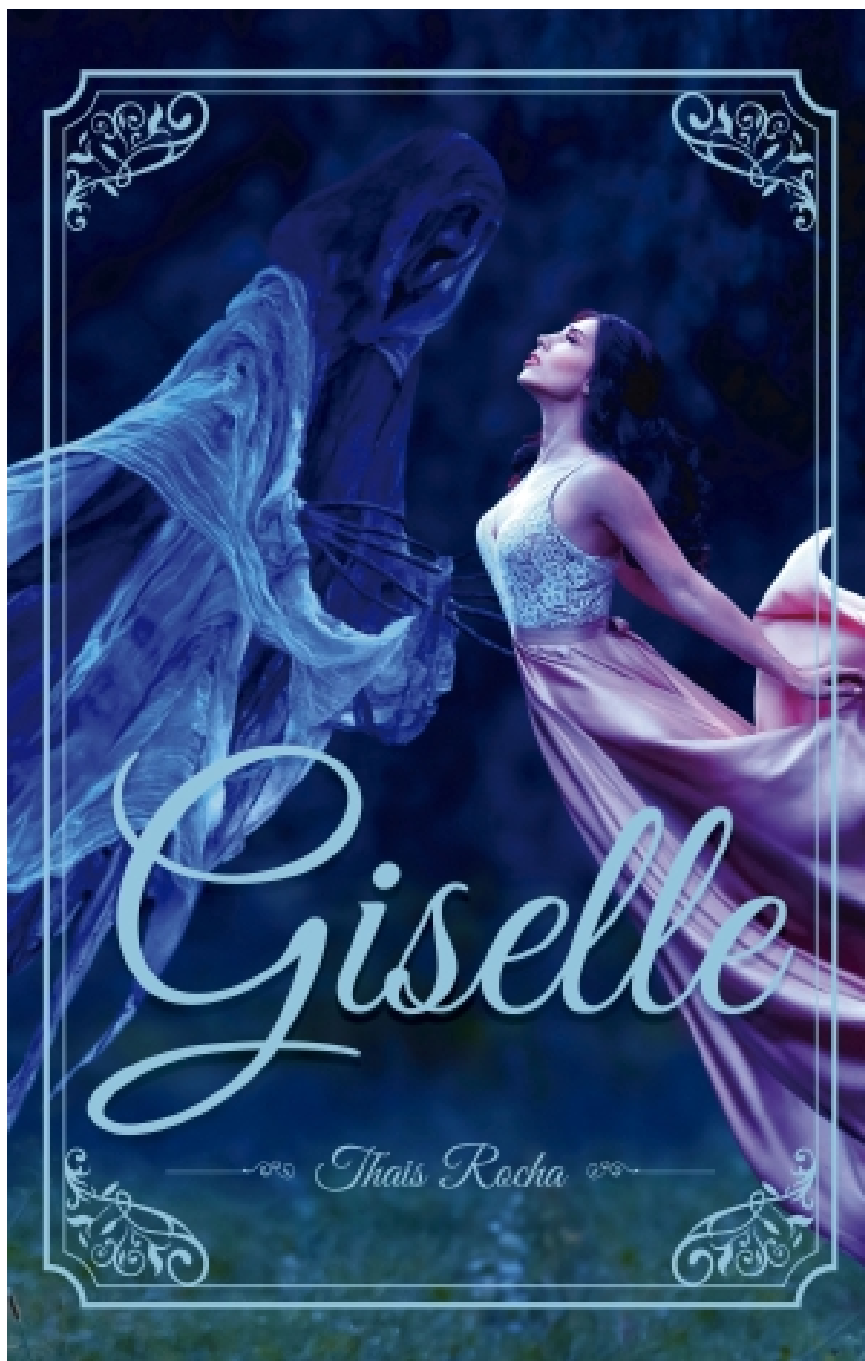
Vanessa Pereira Straioto

Vivian Boaro

Equipe Cartola Editora

Este livro foi impresso para a Cartola Editora.

O papel utilizado no miolo foi o pólen 80 g/m² 1x1 e na capa o cartão 250 g/m² 4x1 com laminação fosca.



Giselle

Rocha, Thais

9786580275267

137 páginas

[Compre agora e leia](#)

Giselle, indo contra os desejos de sua mãe, sonha em ser a primeira bailarina do aclamado corpo de baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Clara é filha de bailarinos, e tudo o que queria era ser uma adolescente normal, ao invés de desperdiçar toda sua vida em uma escola de dança. Quando as duas se conhecem, algo muda em ambas. Se tornam melhores amigas, e depois algo mais... Até que um terrível acidente vira o mundo de Giselle e Clara de cabeça para baixo. Uma morte inesperada. Uma vida após a morte sombria. Clara conseguirá desfazer o mal-entendido, ou será que já é tarde demais?

[Compre agora e leia](#)



Amor amigo

Belo, Vanessa

9786580275137

378 páginas

[Compre agora e leia](#)

O livro conta a história de Jóia, uma mulher romântica e independente, que vai descobrir junto com você o lado mais sombrio do amor e o quanto ele pode machucar. O enredo nos leva a conhecer e acompanhar o relato da protagonista sobre um período de sua vida que a levou do céu ao inferno, transitando entre o valor da família, da amizade, do amor verdadeiro e do crescimento interior. Jóia trafega pelas sinuosas ruas do amor, enquanto sua vida é sacudida pelos mais intensos sentimentos. Trata-se principalmente de uma história de amor moderna, que vai conquistar você e te levar a vivenciar uma bela jornada de superação, vitória sobre si mesma e de como o amor pode renascer nos lugares mais inesperados da vida.

[Compre agora e leia](#)